



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
EM UM BAIRRO DA ILHA DE CARATATEUA/PA**

Belém – PA
2017

JOSIVAN JOÃO MONTEIRO RAIOL

**Práticas de Letramento de Pessoas com Deficiência em um bairro da Ilha de
Caratateua/PA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia

Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Belém – PA
2017

JOSIVAN JOÃO MONTEIRO RAIOL

Práticas de Letramento de Pessoas com Deficiência em um bairro da Ilha de Caratateua/PA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.
Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

Orientador

Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes
Doutor em Educação Especial – UFSCAR/SP
Universidade do Estado do Pará – UEPA

Membro Interno

Prof^a. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva
Dr^a. em Semiótica e Linguística Geral USP
Universidade do Estado do Pará

Membro Externo

Prof^a Isabel Cristina França Dos Santos Rodrigues
Dr^a. em Educação – UFPA
Universidade Federal do Pará

Belém - PA
2017

Dados Internacionais de catalogação na publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Raiol, Josivan João Monteiro

Práticas de letramento de pessoas com deficiência em um bairro da Ilha de Caratateua/PA.
Josivan João Monteiro Raiol; orientador José de Anchieta de Oliveira Bentes. Belém, 2017.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.
Orientador: José de Anchieta de Oliveira Bentes

1. Educação especial. 2. Letramento. 3. Método de ensino. I. Bentes, José de Anchieta de Oliveira (orientadora). II. Título.

CDD: 21 ed. **371.9**

As pessoas com deficiência e seus familiares, sujeitos desta investigação pela possibilidade de dialogar com suas práticas de letramento elaboradas e partilhadas no bairro “Colônia do Fidelis em Caratateua.

AGRADECIMENTOS

A fé em Deus que possibilitou perseverar mesmo diante das dificuldades na conclusão da pesquisa e a consequente obtenção do título de mestre em educação.

Aos meus pais: Sônia Raiol e Benedito Raiol pela fonte de inspiração, companheirismo e perseverança nesta trajetória acadêmica.

A minha amada irmã Josiane Raiol pela preocupação e presença constantes.

As minhas tias Silvia Monteiro e Selma Monteiro incansáveis na garantia dos meus sonhos e na busca incessante por uma educação de qualidade.

Ao meu tio Manoel Simão pela sabedoria e perseverança em alcançar os objetivos.

As minhas amadas primas: Márcia, Paula e Monique pelo companheirismo e admiração, fatores que me impulsionaram a chegar até aqui.

À minha nem tão pequena afilhada Pietra Luzia, fonte de desejo em dias melhores.

À minha avó Deuzuite Monteiro por sua luta diária, o que possibilitou a constituição desta família.

Ao meu profético avô João Monteiro (*in memoriam*) que ainda na minha infância sonhou com este momento.

Ao inesquecível Tio Paulo Sergio (*in memoriam*) por sua imensa contribuição na formação de caráter e a alegria de viver tão contagiantes.

Aos meus melhores amigos Ellen Fonseca e Thiago Augusto pelas parcerias firmadas, pelo companheirismo e presença constante em minha vida.

À Rosemberg Araujo pelo apoio incondicional ao longo desses quase quatro anos de convivência.

Aos colegas de trabalho: Sônia, Kátia, Alcione, Vicência, Rosângela, Adriana e Maura pela compreensão nos momentos de dificuldade frente aos rumos da pesquisa.

Ao meu orientador Jose Anchieta de Oliveira Bentes, pela dedicação e responsabilidade, fatores fundamentais para a conclusão desta pesquisa.

À Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” pela abertura e confiança na realização deste trabalho.

Às professoras Márcia e Michelle pelo direcionamento e apoio na escolha dos sujeitos entrevistados.

Aos moradores do bairro Colônia do Fidélis por me possibilitarem adentrar no cotidiano da localidade e possibilitarem a análise das práticas de letramento.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação - da Universidade do Estado do Pará por me oportunizarem ser melhor enquanto pessoa e pesquisador.

A todos os colegas da turma 11 do mestrado em educação, mas especialmente a Mônica, Ataíde, Renata, Marlon, Janiby, Dilma e Sullivan pelos dois anos de convívio e aprendizado.

Ao Jorginho, da Secretária do PPGED- UEPA por todo empenho em colaborar em todos os momentos.

E a todos que de alguma forma me impulsionaram a chegar até este momento. Meu muito obrigado!

A nossa crença na realidade da vida e na realidade do mundo não são, com efeito, a mesma coisa. A segunda provém basicamente da permanência e da durabilidade do mundo, bem superiores às da vida mortal. Se o homem soubesse que o mundo acabaria quando ele morresse, ou logo depois, esse mundo perderia toda a sua realidade, como a perdeu para os antigos cristãos, na medida em que estes estavam convencidos de que as suas expectativas escatológicas seriam imediatamente realizadas. A confiança na realidade da vida, pelo contrário, depende quase exclusivamente da intensidade com que a vida é experimentada, do impacto com que ela se faz sentir.

Hanna Arendt

RESUMO

RAIOL, Josivan João Monteiro. Práticas de Letramentos de Pessoas com Deficiência em um bairro na Ilha de Caratateua/PA. 2017. . Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, 2017.

Este estudo traz para o debate as práticas de letramentos de pessoas com deficiência. Tem-se como *lócus* geográfico, a Colônia do Fidélis, um bairro situado no distrito administrativo do Outeiro na Ilha de Caratateua em Belém/Pa. O objetivo desta investigação é analisar as práticas de letramentos de pessoas com deficiência, a construção dessas práticas e as concepções que permeiam o fenômeno. Esta investigação compreende uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa. Os sujeitos são pessoas com deficiências que residem no bairro “Colônia do Fidélis” no Distrito Administrativo do Outeiro. Para compreensão do panorama social houve a necessidade de entrevista com os familiares, moradores e professores do bairro O levantamento bibliográfico compreende o embasamento teórico e metodológico dos *New Literacy Studies*, das Práticas de Letramentos, dos Eventos de Letramento e o modelo autônomo e ideológico de letramento com base em Street (1984, 2003, 2014), Kleiman (1995), Soares (2003, 2010), Tfouni (2010). O levantamento de dados consta de: entrevistas; observação *in loco*, registro fotográfico e bibliográfico. Constata-se que apesar da presença de discursos excludentes sobre as pessoas com deficiência houve a predominância da categoria alteridade fator que contribui para a compreensão das diferenças. Com relação às práticas de letramentos, estas revelaram influências da religiosidade, da musicalidade, da escola e da família, bem como a predominância de práticas de letramentos que consideram a categorização letramento e pessoa com deficiência.

Palavras-Chave: Práticas de Letramento – Pessoa com Deficiência – Colônia do Fidélis.

ABSTRACT

RAIOL, Josivan João Monteiro. **Practices of literacy of people with disabilities in the neighbourhood of island the Caratateua/PA** 2017. Dissertation (MSc in Education) - Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará, 2017.

The current study brings into the debate practices to promote literacy of people with disabilities. The geographical *locus* is the neighbourhood of “Colônia do Fidélis”, which is situated in the administrative district of Outeiro in the Caratateua island in Belém, state of Pará, Brazil. The objective of this investigation was to analyze the practices to promote literacy of people with disabilities, the development of these practices and the ideas that permeate this phenomenon. This investigation encompassed a qualitative field research. The subjects were people with disabilities that live in the “Colônia do Fidélis” neighbourhood, in the administrative district of Outeiro. To understand the social background, interviews were done with residents and teachers of the neighbourhood. From the literature review, the theoretical and methodological approach was based on the ‘New Literacy Studies’, ‘Práticas’, ‘Eventos de Letramento’ and the autonomous and ideological literacy model based on Street (1984, 2003, 2014), Kleiman (1995), Soares (2003, 2010), Tfouni (2010). The data survey was done through interviews, *in loco* observations, and photographic and bibliographic records. It was possible to observe that, although the presence of exclusionary discourses about people with disabilities, there was a prevalence of the “otherness” factor that promotes the understanding of differences. In regards to the practices that promote literacy, these revealed influences from religion, music, school and family, and demonstrated the prevalence of practices that consider the categorization of literacy and people with disabilities.

Keywords: Practices of literacy – People with disabilities – Colônia do Fidélis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Panorama de produções acadêmicas	45
Quadro 2 Teoria da Grande Divisão	49
Quadro 3: Modelos de Letramento, segundo Street.	60
Quadro 4 Sumarização do evento 1 O <i>bullying</i> sofrido por Anderson	73
Quadro 5 Sumarização do evento 2 “eu trato ele como normal”	75
Quadro 6 Sumarização do evento 3 “Ele ainda é um bebê”	76
Quadro 7 Sumarização do evento 4 “Anderson é assim, mesmo que ele não queira”	78
Quadro 8 Sumarização do evento “tem que estudar pra ser alguma coisa”	80
Quadro 9 Sumarização evento “se não estudar vou ser moleque de rua”	81
Quadro 10 Sumarização do evento “Michel ainda vai dar um exemplo muito grande”	83
Quadro 11 Sumarização do evento “Eu olho a capa do play e vou desenhando”	86
Quadro 12 Sumarização do evento “meu filho tá uma benção”	87
Quadro 13 Sumarização da cena “Aqui tem a palavra de Deus”	89
Quadro 14 Agrupamento dos eventos, dos discursos e categorias	90

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ilha de Caratateua, Bairro Colônia do Fidélis.	25
Figura 2 - Construção da Escola na Comunidade do Fidélis em março de 1991	29
Figura 3 - Construção da Escola na Comunidade do Fidélis em março de 1991	30
Figura 4 – Rua de acesso a Escola “Colônia do Fidélis” em Outubro de 1991	31
Figura 5 Estrada de acesso ao bairro colônia do Fidelis	32
Figura 6 – Área de recreação da Escola Estadual “Colônia do Fidélis”	33
Figura 7 – Secretária e direção da Escola Estadual “Colônia do Fidélis”	33
Figura 8 – Dados Quantitativos da população local	36
Figura 9 – Moradia dos sujeitos pesquisados	38
Figura 10 – Representação gráfica do processo de leitura e escrita	50
Figura 11 – Representação em desenho de personagem de anime japonês	58
Figura 12 – Fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis”	67
Figura 13 Relação entre os entrevistados	68
Figura 14 – Desenhos exposto no quarto de Michel	81
Figura 15 – Desenho feito por Michel e Capa de jogo para “ <i>play station</i> ”	84
Figura 16 Capa de DVD gospel e folheto do Salmo 91	87

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

BAND – TV Bandeirantes

BPC – Benefício de Prestação Continuada

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

NLS – New Literacy Studies

SEDUC – Secretaria de Educação do Estado do Pará

PPP – Projeto Político Pedagógico

SBT – Sistema Brasileiro de Televisão

UFPA – Universidade Federal do Para

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UBS – Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	25
2.1 Percurso inicial da pesquisa: definindo objeto e campo da pesquisa.....	25
2.1.1 A construção da escola no bairro Colônia do Fidélis.....	28
2.1.2 Os sujeitos da pesquisa	36
2.2 A escolha dos instrumentos metodológicos da pesquisa: a coleta de dados	39
2.2 O processo de análise dos dados	42
2.3 A pesquisa do estado da arte.....	44
3 ASSINALANDO PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	48
3.1 Estudos sobre letramento.....	48
3.1.1 Letramento e oralidade.....	48
3.1.2 Letramento e alfabetização	50
3.1.3 Letramento e Multiletramentos	53
3.1.4 Letramento e Pessoa com deficiência.....	56
3.2 O modelo ideológico e o modelo autônomo de letramento	58
3.3 Práticas e eventos de letramento	62
4 AS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DA COLÔNIA DO FIDÉLIS.....	65
4.1 Contextualização dos eventos e práticas de letramento	65
4.2 O cotidiano das pessoas com deficiência no bairro Colônia do Fidélis	69
4.2.1 Evento 1: O <i>bullying</i> sofrido por Anderson	70
4.2.2 Evento 2: “eu trato ele como normal”	73
4.2.3 Evento 3: “ele ainda é um bebê”	75
4.2.4 Evento 4: “Anderson é assim, mesmo que ele não queira”	77
4.2.5 Evento 5: “tem que estudar pra ser alguma coisa”	78
4.2.6 Evento 6: “se não estudar vou ser moleque de rua”	80
4.2.7 Evento 7: “Michel ainda vai dar um exemplo muito grande”	81
4.2.8 Evento 8: “eu olho a capa do <i>play</i> e vou desenhando”	83

4.2.8 Evento 9: “meu filho tá uma benção”	86
4.2.8 Evento 10: “aqui tem a palavra de deus”	87
4.3 Sumarização das cenas	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES	101

1 INTRODUÇÃO

Início esta dissertação mencionando a importância da pesquisa para um jovem professor que atua na educação especial e na relação direta que o convívio com pessoas com deficiência têm me proporcionado ao longo dos anos.

O processo de construção da identidade de pesquisador aconteceu por meio dos conflitos teóricos que ocorriam dentro das percepções no ambiente escolar. Paradigmas que se constituíam frente às novas perspectivas educacionais e teóricas. As implicações no fazer pedagógico inclusivo surgiam mediante os saberes locais e acadêmicos que se entrelaçavam, em uma constante reconstrução de significados.

As percepções realizadas sobre o processo de inclusão ao longo da minha experiência profissional e acadêmica suscitaram questionamentos sobre o período em que eu fazia parte do processo de escolarização como aluno, ainda no ensino fundamental, pois diante das realidades vivenciadas me remeti a um passado, no qual a presença de pessoas com deficiência era nula.

Processo histórico de exclusão e segregação que posteriormente fui entender ao notar a evolução do tempo no que tange as prioridades das Políticas Públicas Educacionais. Permeando entre os saberes profissionais e acadêmicos, juntamente com o entendimento de indivíduo que se insere no meio social, ora como professor, ora como aluno é que problematizo os saberes que se entrelaçam entre o letramento escolar e o local.

Relembro parte das minhas etapas acadêmicas e profissionais, ainda como aluno do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), mas precisamente no decorrer dos anos de 2005 a 2009 quando tive meu primeiro contato com a educação inclusiva ao estagiar na Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), onde realizei acompanhamento pedagógico de alunos com deficiência inseridos no ensino regular. Vivenciar o dia a dia com esses alunos deficientes foi decisivo para que eu seguisse o caminho profissional e de pesquisador, bem como despertasse os interesses iniciais no aprofundamento de pesquisas na temática da educação inclusiva.

A experiência como estagiário possibilitava a construção de questionamentos que surgiriam futuramente quanto aos letramentos que são considerados na escolarização, pois a realidade vivenciada me auxiliou na compreensão do processo

de invisibilização desses sujeitos no que tange as formas de aprendizagem, acesso ao currículo, à língua e tantas outras singularidades que são deixadas de lado.

Problematizar essas situações no cotidiano escolar trouxe consequências benéficas na construção da minha identidade profissional, haja vista a criticidade que se construiu mediante a opressão que esses sujeitos vivenciam e a possibilidade analisada na figura de um jovem professor de questionar as imposições sociais e culturais.

As práticas vivenciadas iam desde a extrema exclusão da pessoa com deficiência, então acompanhado por mim, das atividades recreativas por não apresentar aptidão física para desenvolver tal atividade até a não consideração da pluralidade de saberes e mecanismos de aprendizagem que envolvia a pessoa com deficiência.

Desenvolvo essas ideias a partir da ideia da existência de letramentos e suas respectivas conceitualizações, da multiplicidade de linguagens, pluralidade de saberes que se configuram e se correlacionam com a historicidade do povo, do bairro, das disputas de poder e do processo vivido por essa camada social que ao longo dos anos luta pelo direito a escolarização. Anexo a estas conceitualizações, autores como Street (2014), Soares (2003), Tfouni (2010) e Kleiman (1995) que me auxiliaram neste constructo da compreensão das relações de poder.

Neste processo de formação, por conseguinte a conclusão do curso de Pedagogia pela UEPA assumi como professor temporário de Atendimento Educacional Especializado (AEE), na Escola Municipal “Terezinha Souza”. Essa experiência trouxe novos olhares acerca da inclusão, pois atender alunos com deficiência na escola e participar desse processo possibilitou-me analisar as práticas educativas e discursivas que emergiam frente às novas perspectivas educacionais, haja vista a implementação da Política Nacional de Inclusão na Perspectiva da Educação Inclusiva¹ (BRASIL, 2007).

Neste período, mais precisamente no ano de 2009, as salas de recursos multifuncionais estavam se estabelecendo nas escolas municipais, para a realização do AEE. Consequentemente a estas mudanças estruturais, as perspectivas pedagógicas alcançaram novos rumos e com a presença de alunos com deficiência

¹ Compreende-se como Política Nacional da educação Especial na Perspectiva Inclusiva a implantação das salas de recursos multifuncionais, o atendimento educacional especializado (AEE) e a aceitação de pessoas com deficiência nos espaços escolares no ensino regular.

e de professores da educação especial um novo cenário educacional se constituiria, haja vista que a partir do convívio entre alunos especiais e professores do ensino comum, perspectivas metodológicas pautadas nos pressupostos teóricos e filosóficos da inclusão começaram (ou pelo menos deveriam) a fazer parte do fazer pedagógico nas instituições de ensino.

Esse novo cenário metodológico possibilitou alterações na organização do Projeto Político Pedagógico (PPP), documento escolar sistematizador que diante das novas demandas necessitou se atualizar com a inclusão do AEE no cotidiano educacional.

A institucionalização do AEE trouxe alterações também para os alunos público alvo da educação especial, no sentido de frequentarem o atendimento no contraturno ao ensino regular. Todas essas mudanças compactuam com a nova Política de Educação Especial e possibilitam inovar, romper com velhos acordos e resistências eternizados na educação.

A Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva passou a preconizar um aumento da inserção de alunos com deficiência em ambientes de ensino comum, a implantação das Salas de Recursos Multifuncionais e o Atendimento Educacional Especializado (BRASIL, 2007). Digo que passou, porque a política anterior, rotulada de integração – ocorrida no Pará de 1970 a 1998 – também preconizava a inserção de alunos “especiais” na escola, mas que tinham que se “preparar”, para tornarem-se aptos a conviver ou “integrado” na classe comum. Isso indica que a Rede Municipal de Ensino de Belém já prestava algum atendimento ao público da Educação Especial, porém não com os pressupostos da chamada “política inclusiva”.

Este atendimento integrador ocorrido nos anos de 1970 a 1998 atendia os alunos com deficiência em espaços especializados, com atividades específicas objetivando a inserção destes no ambiente do ensino regular. No entanto, aqueles que não eram considerados aptos a serem inseridos amargavam longos anos frequentando as instituições especializadas.

Desta maneira, considerando sua historicidade a educação especial começou a ganhar notoriedade por apresentar complexas organizações que perpassam pelo fazer pedagógico no ensino comum, no AEE e na estruturação dos sistemas de ensino a fim de garantir a permanência destes alunos no espaço escolar. Por esse

motivo, as implicações dos letramentos que estão sendo abordados se tornou fonte de constates inquietações.

No entanto, somente após a entrada no curso de “Especialização em Educação Inclusiva” pela Faculdade Ipiranga é que tive a oportunidade de pesquisar nesta área de estudo, porém de uma forma muito abrangente sem especificar a presença de letramentos nos processos educativos de alunos com deficiência, de maneira que apresentei a monografia com o tema: “Atendimento Educacional Especializado: Inclusão do aluno com Transtornos Globais do Desenvolvimento” (RAIOL, 2011). Neste estudo abordei sobre os saberes que os professores do ensino comum têm sobre o AEE, mais especificamente do aluno com Transtorno Global do Desenvolvimento e seu processo de inclusão.

Constatedei na pesquisa o quanto a política de inclusão, apesar de se fazer presente em grande parte das escolas de rede pública do município de Belém, ainda estava pouco conhecida, tanto no sentido organizacional, quanto com relação aos alunos público alvo da educação inclusiva, pois os professores da educação especial e os professores do ensino regular desconheciam o aluno com Transtorno Global do Desenvolvimento².

O desconhecimento do aluno deficiente implica na negação desse sujeito enquanto indivíduo pertencente ao ambiente escolar e social de modo geral. Mediante a falta de conhecimento, acaba por não protagonizar a produção do conhecimento. Logo, as questões que envolvem a marginalização da pessoa com deficiência, já suscitaram em mim a vontade de dar continuidade em pesquisas que envolvessem esta temática, por acreditar na problematização de situações que fossem pertinentes a inclusão e/ou exclusão destes sujeitos.

Como professor de AEE, realizei intervenções pedagógicas com o público alvo da Educação Especial. A trajetória acadêmica delineada com a problematização do processo de inclusão vivenciada possibilitou-me estender as novas concepções

² A designação TGD refere-se a classificação de transtornos de funções do desenvolvimento, tanto questões clínicas, quanto educacionais. Sob esta classificação se descrevem diferentes transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas qualitativamente. São eles: Autismo; Síndrome de Rett; Transtorno ou Síndrome de Ásperger; Transtorno Desintegrativo da Infância; Transtorno Global do desenvolvimento sem outra especificação. (BELISSÁRIO FILHO; CUNHA. 2010). Esta classificação foi mencionada por ter sido utilizada durante o período de pesquisa em 2011, no entanto, atualmente este termo pode ser substituído por Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que engloba os transtornos do espectro do autismo, do qual foi retirada deste panorama a Síndrome de Rett.

de inclusão, da prática na educação especial e conseqüentemente de aspectos do letramento destes alunos participantes do AEE e inseridos no ensino regular.

No ano de 2012, assumi o cargo de professor do 4º ano do ensino fundamental na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, onde mudei meu foco de visão, visto que há algum tempo atuava como professor da educação especial e realizava o AEE e esta era a primeira experiência como professor do ensino comum. Logo de início, tive a possibilidade de ter na turma uma aluna com deficiência intelectual.

Constatei nessa experiência de um ano que a presença da aluna com deficiência não garante a inclusão deste. A quebra de paradigmas como a fixação de modelos, normalização de perfis específicos de alunos, a produção de identidades que define os alunos como “normais” e “especiais” talvez seja mais desafiador do que a própria política de inclusão vigente. No que se refere à experiência vivenciada no Estado do Amazonas, considero importante relatar que apesar da presença da aluna, por vezes, os discursos que são proferidos sobre esses sujeitos ainda os invisibilizam ou os reduzem a um mero expectador da construção do conhecimento.

Neste caso particular, foi necessário problematizar as dificuldades encontradas na proposta de adaptações curriculares, haja vista que em função da deficiência intelectual da aluna que estava em minha classe, havia necessidade de constantes avaliações sobre os avanços que poderiam ou não estar acontecendo. No entanto, por vezes fui visto como facilitador, a ponto de os demais profissionais da escola interpretarem as ações desenvolvidas por mim como negligentes por não considerar importante o conhecimento acadêmico e abranger as questões referentes a produção de conhecimentos e saberes do cotidiano. Conhecimentos esses que estavam presentes no cotidiano do bairro, da família, do grupo de amigos e que deveriam fazer parte do cotidiano escolar, a fim de propiciar condições de aproximação entre o aluno e a escola.

Em todo caso, os avanços ocorridos na aluna foram evidentes nas áreas da matemática e principalmente na construção da autonomia para com a rotina escolar. Vale ressaltar que além das situações pertinentes, o corpo técnico docente também atingiu bons resultados ao considerar a pluralidade de saberes.

Nesta ótica analisar o processo de inclusão é entender o processo de ensino aprendizagem pela visão de professor do ensino regular a partir das possibilidades, angústias e anseios, bem como as expectativas que me foram colocadas diante do

desafio de promover a inclusão na sala regular, considerando as especificidades do aluno com deficiência e a pluralidade do processo de ensino e aprendizagem.

A propósito Oliveira (2005) aponta que a educação inclusiva é um meio de deslocar o enfoque individual centrado no aluno, de modo que haja o reconhecimento da diversidade, das diferenças. Essa visão problematiza a instituição excludente, a fim de questionar a necessidade de a escola realizar as modificações estruturais.

Esta pesquisa que estou apresentando, sobre as “Práticas de Letramento de Pessoas com Deficiência em um bairro na Ilha de Caratateua/Pa” problematiza questões que vão além da estrutura escolar. Parto do pressuposto que é necessário analisar os letramentos que estão sendo considerados e constituídos, com o intuito de refletir sobre as concepções que circundam o contexto social da pessoa com deficiência.

Tal experiência pode contribuir de forma significativa para perceber os letramentos que são invisibilizados em função de um “letramento oficial”, que o sistema de ensino impõe. Diversas possibilidades de contextualização local, letramentos que surgem a partir da necessidade cultural e que se constituem historicamente são deixados no segundo plano, pois somente o Letramento Autônomo³ (STREET, 2014) é levado em consideração.

Considero importante diante da construção do objeto de estudo, considerar as particularidades que permeiam a realidade do aluno, mas precisamente no que tange aos letramentos de pessoas com deficiências, pois é necessário considerar as peculiaridades que envolvem o meio cultural e social que estão inseridos. Contudo, faz-se necessário problematizar as relações de poder que envolvem o letramento presente em ambientes formais. Alunos com deficiência são duplamente prejudicados, pois têm os seus saberes marginalizados e sua condição de deficiência ocultada em função de um letramento dominante. O duplo prejuízo nesses sujeitos ocorre em função de historicamente serem negados pela sociedade, como já disse por não terem os saberes considerados.

Atualmente, vivencio realidades peculiares à região amazônica paraense, pois como professor da Educação Especial da Secretaria Estadual de Educação do Pará

³ Este termo será explicado posteriormente. Aqui tem o sentido de negação da produção dos letramentos dos povos locais e suas próprias maneiras particulares em compreender os novos letramentos fornecidos pelos meios de comunicação e instituições de ensino (STREET, 2014).

(SEDUC), analiso a situação da inclusão de alunos deficientes de camadas populares do Distrito de Icoaraci no município de Belém -, experiência profissional que possibilita trazer a tona questionamentos sobre os letramentos utilizados por estes alunos deficientes. Contudo, em função dos paradigmas que se constituem no que se refere à educação inclusiva e os letramentos que circulam nesses ambientes é que problematizo como os letramentos locais tem se constituído no cotidiano de pessoas deficientes, mas precisamente no bairro Colônia do Fidélis na Ilha de Caratateua.

A partir de então novos aportes teóricos surgiram e esclareceram os caminhos a serem percorridos frente à problematização que se constituiu, dentre as quais o interesse em investigar os letramentos que emergem a partir desta realidade.

O objeto de estudo se delimita ao considerar a possibilidade de “letramentos”, pois perceber a existência de outras variáveis é favorecer perspectivas que não somente contribuam para a hegemonia de certo letramento escolar, mas possibilitar o enriquecimento de práticas que envolvam outros letramentos que se constituem a partir da visão cultural, histórica e social.

Tais estudos tem forte apoio de uma transposição teórica entre os estudos de povos marginalizados pelo sistema dominante europeu e o caso de pessoas marginalizadas por serem deficientes. Por meio dos estudos de Street (2014), os letramentos de povos não europeus foram desconsiderados pelas instituições de escolarização. Dessa forma acreditamos ser relevante analisar os letramentos que estão sendo constituídos e as concepções que fazem parte do cotidiano das pessoas deficientes da “Colônia do Fidélis” por estarem em uma realidade singular. Realidade que envolve a vivência com os saberes que perpassam gerações de família, práticas de pesca, danças, cantigas, entre outras.

Duas situações implicam na importância desta investigação. A primeira é com relação à construção dos letramentos por parte das pessoas com deficiência, pois devem ser consideradas questões pertinentes à condição de deficiência que a pessoa se encontra. Outro fator é que estas pessoas fazem parte de um bairro que apresenta características históricas particulares. Estas situações trazem a tona questões regionais e implicações nos letramentos por eles utilizados, haja vista a influência do letramento escolar, do letramento familiar, do letramento do lugar onde

mora, além do acesso aos meios de comunicação que a vida urbana possa vir a influenciar.

Nessa perspectiva que iremos nos utilizar da conceitualização de **Letramento Autônomo** de Street (2014) para abordar o fenômeno do letramento produzido por pessoas com deficiência e sua constituição no bairro Colônia do Fidelis. Para o autor este modelo supõe a predominância da escrita, bem como facilitadora das funções “lógicas” da linguagem, inclusive permitindo a separação das funções interpessoais e criando um uso mais objetivo e científico da linguagem.

Conseqüentemente, a construção do conceito de Letramento Autônomo presente na sociedade contemporânea, se insere na ideia de que somente os modelos idealizados pelos grupos dominantes são priorizados. Neste sentido, entendemos que há uma relação de poder que visa o controle social materializado na associação do Letramento Autônomo como ideal, a fim de criar expectativas referentes à profissionalização, à escolarização e aos índices de letramento. O letramento autônomo para Street (2014) está sempre ligado à ideia de progresso, crescimento e benefícios. A sociedade letrada está relacionada ao crescimento econômico e social.

Problematizar a hegemonia deste letramento faz parte desta pesquisa, pois consideramos analisar que os saberes que envolvem a cultura local também fazem parte do processo e necessitam ser considerados como parte integrante do currículo.

Parto desse pressuposto que existem outros letramentos que não estão necessariamente ligados ao saber escolar e que podem possibilitar as discussões acerca do processo histórico e social que acarretam desenvolvimentos e saberes aos participantes desta pesquisa.

Em função destas concepções é que Street (2014) defende outras abordagens acerca do letramento e possibilita novas concepções que podem ser compreendidas como **Modelo Ideológico de Letramento**:

O modelo ideológico, por outro lado, não tenta negar a habilidade técnica ou os aspectos cognitivos da leitura e da escrita, mas sim entendê-los como encapsulados em todos culturais e estruturas de poder. Nesse sentido, o modelo ideológico subsume, mais do que exclui, o trabalho empreendido dentro do modelo autônomo. (STREET, 2014, p. 172).

Entender que as práticas de letramentos estão envolvidas em redes que se relacionam em meios culturais e sociais, de modo que não nega os letramentos das minorias oprimidas. Haja vista a particularidade dos sujeitos pesquisados, a historicidade e constituição do bairro e diversidade cultural. Todos estes fatores podem e devem ser considerados ao concebermos os letramentos produzidos por pessoas com deficiência no bairro Colônia do Fidelis na Ilha de Caratateua.

Os conceitos aqui expostos talvez evidenciem processos de desenvolvimento particulares de pessoas com deficiência e também particularidades que são constituídos em espaço específicos da Amazônia Paraense. Perceber as concepções sob a ótica de que tais letramentos são construídos por grupos sociais que historicamente foram invisibilizados, pois considerar a presença de letramentos por pessoas com deficiência e oriundas da região de Ilha do município de Belém, é dar voz a estes grupos que estiveram à margem da sociedade durante anos.

Isso porque, os processos de exclusão perpassam pelos letramentos, pelos contextos sociais que são considerados atrasados e dos quais estão inseridos os sujeitos desta pesquisa e por serem marginalizados pelos grupos dominantes. Diante disso, proponho nesta investigação como problema: **como são constituídos as práticas de letramentos de pessoas com deficiência no bairro “Colônia do Fidelis” na Ilha de Caratateua/Pa?**

Como objetivo geral esta pesquisa se propõem analisar as praticas de letramentos de pessoas com deficiência no bairro Colônia do Fidelis na Ilha de Caratateua/Pa.

Como objetivos específicos nos propomos a: caracterizar os eventos de letramentos por meio da contextualização sociocultural; e analisar as concepções de letramentos construídas no bairro Colônia do Fidelis.

A partir deste estudo, espero contribuir para a análise dos letramentos que são elaborados nesta localidade por acreditar na importância destes na vida de pessoas com deficiência, bem como contribuir para novos estudos que correlacionem a temática: letramentos e pessoa com deficiência, a fim de possibilitar a discussão dessa temática nas instituições de ensino escolar.

Propor uma investigação que parta do pressuposto de que o letramento enquanto fenômeno cultural e social que se faz presente na vida de todos os indivíduos é possibilitar a análise destas relações de poder e o processo de

construção do conhecimento por parte de pessoas com deficiência, sujeitos desta pesquisa.

Dessa forma, buscarei analisar os letramentos que podem estar ligadas ao letramento escolar, que podem ser entendida como letramento autônomo ou se são letramentos ideológicos que considerem os saberes que são constituídos e produzidos por estes sujeitos como membros de sua comunidade.

Logo salientar a minha ligação histórica, profissional e científica auxilia no processo de delimitação do objeto de estudo do qual me proponho investigar. Para tanto nesta dissertação irei compor no primeiro capítulo de introdução a justificativa que me levou a escolha do objeto de estudo, as relevâncias sociais, filosóficas, epistemológicas do objeto de estudo, e sua delimitação nesse processo investigativo. A importância de novos estudos referentes á prática de letramento, bem como partimos do pressuposto teórico de considerar a presença de letramentos construídos por pessoas com deficiência.

O segundo capítulo visa apresentar os caminhos metodológicos percorridos para realização deste estudo, neste sentido foi necessário o levantamento histórico e descritivo do *locus* para melhor compreensão da constituição do fenômeno, a fim de dialogar com os sujeitos desta pesquisa. Iremos abordar também as referências metodológicas que embasaram a pesquisa, no sentido de apresentar os meios utilizados para adquirir os dados e o processo de análise.

No terceiro capítulo tentei aprofundar as discussões sobre as práticas de letramento, dando ênfase as abordagens e concepções com base nos constructos teóricos de Brian Street, a fim de considerar as especificidades do estudo por conta dos sujeitos e do local a ser realizado. As abordagens e concepções das práticas de letramento correlacionam com as vivências de pessoas com deficiência no contexto amazônico e nos ambientes formais. Nesse turbilhão cultural que emerge as diferenças culturais e que se configuram os paradigmas das práticas de letramento. Para melhor compreensão foi necessário realizar discussões teóricas sobre *New Literacy Studies*, a diferença entre prática de letramento e evento de letramento.

No quarto capítulo irei abordar a análise das práticas de letramento de pessoas com deficiência do bairro Colônia do Fidélis, a fim de discutir sobre as concepções que são constituídas das por esses sujeitos, sob as intervenções teóricas de Brian Street em consonância com o conceito de práticas de letramento e as concepções por ele abordadas.

E por fim nas considerações finais irei dispor das breves considerações que esta pesquisa proporcionou até o presente momento acerca do objeto de estudo e da contextualização social no qual ele se insere, retomando algumas questões analisadas ao longo deste trabalho.

2 A TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo iremos discorrer sobre os procedimentos metodológicos que possibilitaram a construção desta pesquisa. Para tanto, iremos apresentar o percurso inicial da pesquisa com a escolha do objeto de estudo, o contexto histórico do *locus* geográfico, a coleta de dados e os procedimentos de análise.

2.1 PERCURSO INICIAL DA PESQUISA: DEFININDO OBJETO E CAMPO DA PESQUISA

Banhada pela Baía do Guajará a Ilha de Caratateua faz parte do Distrito Administrativo do Outeiro, na cidade de Belém, Estado do Pará, pertencente a este Distrito Administrativo está situada o bairro Colônia do Fidélis, local escolhido para a realização desta pesquisa.

Suas características evidenciam a vida simples e longe do caótico dia a dia das grandes cidades, no entanto o bairro já recebe influências da metrópole a qual pertence, em decorrência de sua proximidade, pois a região é constantemente visitada por turistas em busca das belas praias da Ilha e do aspecto bucólico que ainda pode ser notado (ANUÁRIO DO PARÁ, 2013).

Figura 2 – Ilha de Caratateua, Bairro Colônia do Fidélis.



Fonte: Google Maps (Acesso em: 25. jan. 2016)

Conforme mostra na figura 1, a “Colônia do Fidélis”, como é chamada por seus moradores, é um bairro situado na Ilha de Caratateua, no distrito administrativo do Outeiro. A figura 1 mostra a visão geral da ilha por meio do aplicativo de busca *Google maps*. Este recurso possibilita visualizar o *locus* de pesquisa por meio de visão panorâmica via satélite. Logo, é possível notar que a ilha de Caratateua possui limites geográficos com os rios, apresenta cobertura vegetal com concentração populacional na região centro-sul da ilha.

A escolha do bairro Colônia do Fidélis não se deu à toa. O envolvimento profissional traçado com as perspectivas acadêmicas e os questionamentos quanto às práticas de letramentos de pessoas deficientes, possibilitaram o direcionamento para esse lugar. Lugar que apresenta características específicas, haja vista sua localização e historicidade.

Historicamente, a Ilha de Caratateua foi destinada para assentamento de famílias, com o objetivo de produção agrícola. Por esse motivo o nome “colônia” incorporado ao bairro, possui relação com colônia agrícola base econômica de desenvolvimento na década de 1970.

Com relação a estas mudanças sociais e econômicas do bairro Colônia do Fidélis, temos o relato do aposentado Carlos Dionísio Cutrin de 75 anos que reside no bairro há quase 50 anos. Em entrevista ele nos conta: “Aí nessa época nós viemos morar porque aqui era calmo, sossegado, não tinha zoada [...] Quando eu vim morar pra cá, aí só tinha cinco moradores, mas tinha muito ribeirão”. (CUTRIN, C. D.)

Acerca da constituição da comunidade e organização da produção agrícola Sr Cutrin explica: “só tinha cinco morador, como eu expliquei pra vocês. Então... as pessoas não tinham muita ligação com o: organização, com nada. Era tipo assim uma área rural, cada um tinha o seu” (CUTRIN, C. D.)

A produção era realizada de forma individual pelos moradores da comunidade, em vista disso e a fim de possibilitar melhores condições de escoamento o Sr. Cutrim fundou a associação do pequeno produtor “Aí quando eu vim pra cá, eu fundei uma associação de pequeno produtor pra poder... ajudar... aí a gente começou trabalhar que tinha muita horta, granja”. (CUTRIN, C. D.)

O senso de comunidade era perceptível, haja vista a organização que se estabelecia frente às necessidades e a autodenominação “comunidade” que os moradores faziam ao local que futuramente iria se tornar bairro.

Para o Sr Cutrim:

eu acho que o ideal de comunidade é um... grupo de pessoas que se unem se organizam pra trazer melhor qualidade de vida para as pessoas... Para o morador o conceito de ‘comunidade’ refere-se a possibilidade de auxílio e contribuição mútuos, de modo que todos que fazem parte daquela realidade compartilhem de um mesmo fim.” (CUTRIN, C. D.)

Dessa maneira, a constituição da “Colônia do Fidélis” se baseou na cultura agrícola, na criação de animais e na pesca, sendo considerada como área rural do Distrito Administrativo do Outeiro. No entanto, o aspecto rural deu lugar ao longo dos anos ao intenso turismo pela proximidade com a capital, situação que se estabelece nos anos 80, quando a Ilha foi ligada ao Distrito de Icoaraci por uma ponte.

A população da ilha de Caratateua, atualmente com 12 mil habitantes, vem sentindo as mudanças no meio ambiente desde a instalação de indústrias na entrada do balneário de Outeiro e depois da construção da ponte, que liga Belém a ilha quando o balneário passou a ser um dos mais frequentados de todo o Estado. (JORNAL DOS BAIROS. O LIBERAL,1991. p.5)

O intenso fluxo gerado pelo turismo e posteriormente pelas políticas de desenvolvimento trouxeram empresas e portos para a região o que garantiu ao Distrito de Outeiro passagem obrigatório de um quantitativo grande de pessoas em busca das possibilidades econômicas ofertadas pela região. Esse fluxo favoreceu a economia local, mas também a prejudicou: ao longo dos anos, pois a ilha vem sofrendo degradação ambiental com as práticas portuárias e turísticas, além do aumento da criminalidade e perda das características comunitárias.

Antigas atividades como pesca e a caça começam a desaparecer mediante a chegada do propalado desenvolvimento. As entidades ambientalistas vêm tentando impedir a crescente devastação da flora e a poluição das praias. Todo esse trabalho será destruído, porém caso o porto do Sotave seja instalado em Outeiro. (JORNAL DOS BAIROS. O LIBERAL,1991. p.5)

O conseqüente crescimento econômico impulsiona a vinda de novos moradores para a região, que desordenadamente ocupam os espaços, antes ocupados pela mata nativa. O fenômeno migratório e econômico implica diretamente nas questões culturais, educacionais, econômicas e sociais dessa população que nesse turbilhão de transformações se direciona a novas demandas, acerca desse fluxo migratório a reportagem do Jornal O Liberal – Jornal dos Bairros aponta que

A ilha de Caratateua [...] tem visto, nos últimos anos, seu principal núcleo urbano, Outeiro, alargar as fronteiras e atingir de forma rápida outros extremos. Verifica-se, por exemplo, uma aceleração na ocupação de terrenos situados nas marginais da rodovia do Outeiro, sobretudo no trecho entre a ponte sobre o rio Maguari e a bifurcação da estrada. (JORNAL DOS BAIRROS. O LIBERAL, 1991. p.5)

Apesar da crescente demanda econômica e social, a população local não recebe os benefícios com tais incrementos turísticos e industriais, além do aparente descaso do governo com as necessidades. Diante disto as lideranças comunitárias a fim de suprir as problemáticas que emergiam mediante o fenômeno social apontam novos caminhos a serem percorridos como diz Sr Cutrim:

a situação aqui era muito difícil... tinha criança aqui com... quinze anos não sabia ler, nem escrever... e aquilo me bateu de frente, que eu digo: Poxa, é lamentável uma criança com quinze anos não ter conhecimento... não saber ler... aí... foi baseado nesse princípio... que eu... comprei essa briga pra fazer essa escola. (CUTRIN, C. D.)

A necessidade da construção da escola parte da relação da leitura e escrita com o conhecimento. O fato do pouco acesso à leitura e escrita não significa que as pessoas não sejam letradas, pois estas possuem conhecimento de linguagem e letramento de vida “O importante, por isto, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo” (FREIRE, 2014, p. 60).

2.1.1 A construção da escola na comunidade do Fidélis

Diante das problemáticas do aumento populacional, do número alto de pessoas analfabetas, sem escolaridade, houve a necessidade da construção da escola que recebeu o mesmo nome do bairro. Localizada na Rua Nova Fidélis s/ nº, distante dois quilômetros da pista principal que dá acesso ao Distrito Administrativo

do Outeiro a Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” está situada na Ilha de Caratateua e foi fundada no dia 28 de Novembro de 1991.

A construção da escola, conforme mostram as figuras 2 e 3 partiu dos residentes da comunidade que se uniram em função de um bem comum. Para Sr Cutrin a construção da escola foi um trabalho árduo

“porque não tinha como trazer o material, trazia de carroça, tudo em carroça, levando areia, pedra ... a gente reuniu uns três moradores que eu conhecia pra levar pra lá [...] Eu até pensei em fazer a escola aqui no início devido as dificuldades, mas fiz lá pras pessoas de lá, famílias de pescadores, da colônia de pescadores. Foi uma luta muito dura, quando tava pronta a escola eu trouxe a imprensa aqui pra ver, porque o governo tinha doado a verba e eles roubaram a verba foi uma vergonha, pra levar o material pra lá foi muito sofrimento ...” (CUTRIN, C. D.)

Segundo este morador as questões políticas também foram motivos de interferência para a construção da escola. Com a falta de apoio a escola iniciou suas atividades em condições precárias. Os recursos eram adquiridos pelos próprios moradores como a compra de merenda escolar, carteiras e o pagamento dos professores. Estas ações oriundas daqueles que se envolveram com a necessidade local indicam que o envolvimento para o funcionamento das atividades escolares com a intenção de gerar benefícios aos moradores da localidade.

É possível analisar que a partir da constituição histórica da ilha e em específico do bairro Colônia do Fidélis, há nas atividades da comunidade a objetividade em gerar ações que visem à melhoria e qualidade de vida aos moradores do bairro, inicialmente com a construção da escola e posteriormente com o incremento das atividades econômicas e organização social.

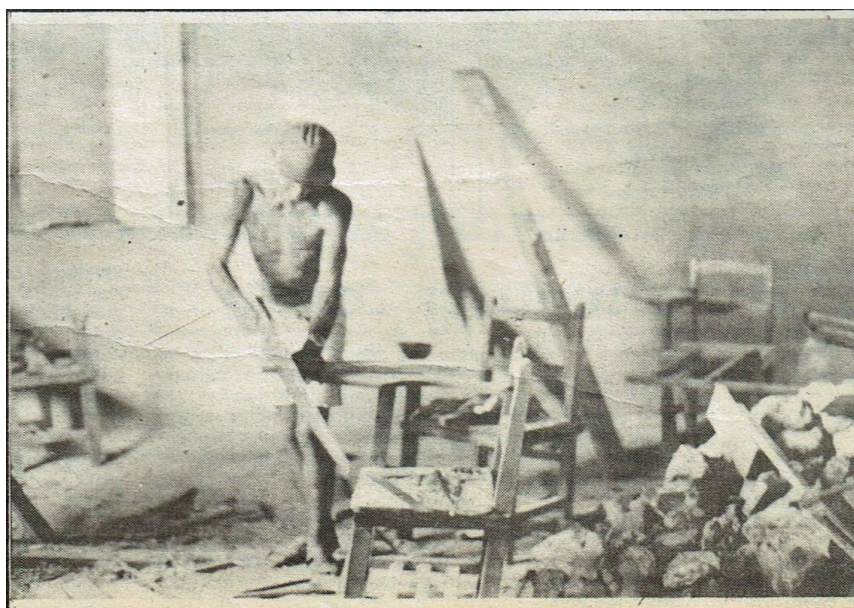
Figura 2 - Construção da Escola na Comunidade do Fidélis em março de 1991



Fonte: O Liberal – Jornal dos Bairros

Na figura 2 é possível notar a presença do Sr. Cutrim à direita observando o funcionário preparando o cimento para a construção da escola, ao centro a presença de três crianças sem camisas observam o processo.

Figura 3 - Construção da Escola na Comunidade do Fidélis em março de 1991



Fonte: O Liberal – Jornal dos Bairros

A figura 3 mostra uma sala de aula em construção, com algumas carteiras escolares espalhadas pelo ambiente, bem como amontoado de materiais de construção. Ao centro da figura homem serra pedaço de madeira sobre a carteira.

As reivindicações da população local com abaixo assinado, ida aos órgãos públicos pareciam não dar resultados. Diante da problemática de missão dos órgãos públicos os moradores resolveram por conta própria construir o espaço que, posteriormente, viria a se tornar a Escola Estadual “Colônia do Fidélis”.

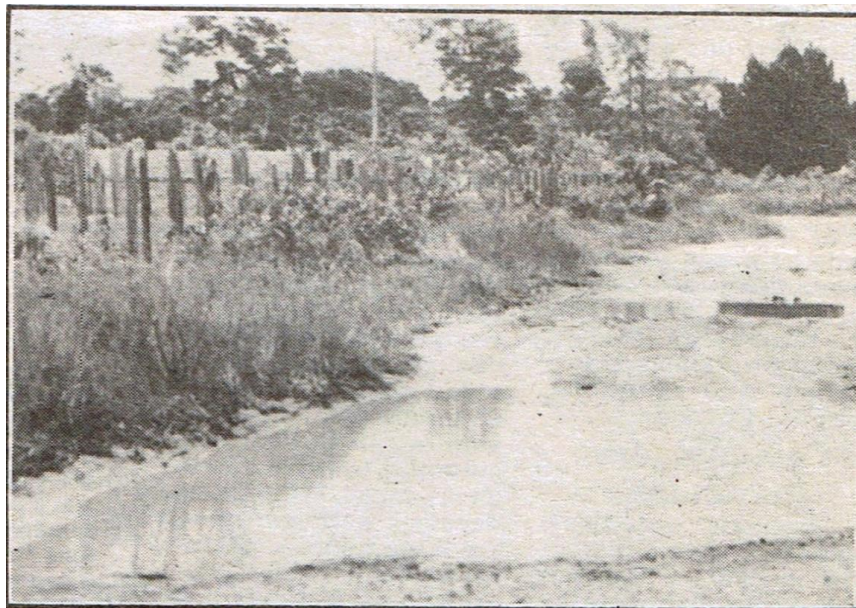
Apesar das ações desenvolvidas pela comunidade em favor da manutenção e oferta do ensino, algumas pendências fugiam das possibilidades dos moradores em resolver. Essas pendências a cada dia eram maiores por conta do aumento do número de alunos, ausência de professores, ausência de iluminação elétrica no local e problemáticas que somente o poder público poderiam sanar como aponta a matéria do Jornal O Liberal (1991)

[...] Como estes trabalham durante o dia, ficou acertado que a alfabetização seria feita a noite, com a sala sendo iluminada à base de lamparinas e

candeeiros. “Neste ano, porém, as aulas foram interrompidas porque a falta de energia elétrica vinha dificultando o trabalho dos professores e o desempenho dos alunos”, explicou Cutrin, informando que a energia é uma antiga reivindicação da população de Fidélis. (JORNAL DOS BAIRROS. O LIBERAL,1991. p.5)

A luta da comunidade estava em estabelecer o ensino decorrente do crescente número de alunos. Inclusive no ano de 1991 já havia indicativos da oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ocasionando pressão para que os governos estaduais e municipais assumissem maior apoio a instituição de ensino recém-criada. No entanto, diversos eram os complicadores para que o ensino minimamente fosse garantido na comunidade, pois até o acesso ao ambiente escolar se tornava um complicador em especial no período chuvoso como é possível perceber na figura 4.

Figura 4 – Rua de acesso a Escola “Colônia do Fidélis” em Outubro de 1991



Fonte: O Liberal – Jornal dos Bairros

Em dezembro de 2015 estivemos novamente no bairro com o objetivo de registrar fotograficamente alguns pontos, bem como dar início a observação e entrevista com um dos sujeitos pesquisados. O processo de aproximação aos sujeitos se deu por meio da participação do pesquisador nas atividades escolares na sala comum e no AEE. Neste segundo momento foi possível a consolidação da aproximação entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, com os familiares e com a comunidade.

Por meio de registro fotográfico realizado em dezembro de 2015 conseguimos observar conforme mostra a figura 5 a estrada e a dificuldade de acesso ao bairro Colônia do Fidélis, consideramos pertinente esta imagem em função de mostrar a inexistência de investimentos em saneamento básico na localidade e fazer um comparativo com a figura 4, pois apesar de decorridos 25 anos, as dificuldades de acesso permanecem. Neste trecho a presença de moradias se resume a grandes terrenos, em geral composta de sítios e/ou áreas de lazer de pessoas que não compartilham do cotidiano do bairro, ou seja, estes apenas comparecem ao bairro nos sábados e domingos para fins recreativos.

Figura 5 - Estrada de acesso ao bairro colônia do Fidelis



Fonte: arquivo pessoal – dezembro de 2016

Atualmente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” conforme podemos observar nas fotos 1 e 2 funciona com 12 turmas distribuídas em três turnos, ofertando o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) no turno diurno, e na EJA, da 1ª à 4ª etapas no noturno para alunos maiores de 15 anos. Com aproximadamente 450 alunos, possui 5 salas de aula, uma sala de leitura, uma secretaria, uma dispensa, dois banheiros de funcionários e dois banheiros de alunos e um tapiri⁴ (ESCOLA ESTADUAL COLÔNIA DO FIDÉLIS, Projeto Político Pedagógico, 2015)

⁴ Palavra indígena que define barraca feita de palha.

Figura 6 – Área de recreação da Escola Estadual “Colônia do Fidélis”



Fonte: arquivo pessoal – dezembro de 2015

A figura 6 apresenta a área de recreação da escola “Colônia do Fidelis” com a presença de árvores de grande porte e de alunos ao fundo praticando atividade física. Nas laterais temos o prédio escolar que abriga as salas de aulas, é possível notar várias bicicletas dos alunos encostadas na parede.

Figura 7 – Secretária e direção da Escola Estadual “Colônia do Fidélis”



Fonte arquivo pessoal – dezembro de 2015

Na figura 7 apresentamos o espaço onde funciona o setor administrativo da escola: secretaria e direção escolar. Neste espaço não há divisão de paredes, para

tanto foram utilizados armários a fim de delimitar os espaços. Na imagem é possível perceber ao fundo uma estante com livros, mastros com as bandeiras do Brasil e da escola, mobiliário, um vaso e ventiladores de teto.

Por essas e tantas características que a Ilha de Caratateua, mas especificamente o bairro “Colônia do Fidélis” apresenta suas particularidades enraizadas em sua historicidade, com a permanência de suas tradições culturais e hábitos rústicos.

As pessoas devem ser reconhecidas como sujeitos repletos de qualidades e valores adquiridos pelas suas relações. Relações que se estabelecem mediante o universo que está inserido. O entrelaçamento cultural dos sujeitos pessoas com deficiência e o bairro localizado em uma ilha na Amazônia Paraense devem ser reconhecidos e evidenciados, a fim de que estes sujeitos possuam reconhecimento e visibilidade nas relações culturais, educacionais e tenham suas tradições mantidas.

A partilha de tradições se configura no dia a dia dos moradores locais, no modo de falar, na religiosidade, na dança, na escola, na pesca, nos saberes da mata e agrícolas. Cultura de um povo que é perpassada de geração após geração.

A realidade vivida entre os moradores da Comunidade, ainda se baseia nas práticas de pesca e de agricultura, no turismo e na relação direta com a metrópole Belém. Essa fusão de realidades torna o ambiente propício para investigações que relacionem as Práticas de Letramentos presentes no bairro. Sobre Práticas de Letramentos Street (2014), aponta a tentativa de o conceito lidar com os eventos locais e padrões da oficialidade a fim de ligá-los a alguma coisa mais ampla de natureza cultural e social.

Tendo em vistas esses pressupostos esta investigação gira em torno das Práticas de Letramentos de Pessoas com Deficiência, por acreditarmos que estes sujeitos apresentam singularidade que estão diretamente relacionados às condições de vida e por compartilharem dos saberes locais que são produzidos.

Durante o processo de escolha dos sujeitos, o contato com a escola da comunidade foi fundamental para que identificássemos as pessoas com deficiência. Esses sujeitos se constituem enquanto moradores do bairro “Colônia do Fidélis”, adolescentes e residentes com suas respectivas famílias.

Dito isto, passo a descrever os primeiros contatos que realizei na comunidade. Os primeiros contatos se deram em Outubro de 2015. A referência do

lócus de pesquisa está intimamente ligada ao fazer pedagógico do pesquisador, haja vista o conhecimento prévio da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” e dos profissionais que lá atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Dessa maneira o conhecimento prévio auxiliou na escolha dos sujeitos.

A aproximação ocorreu de forma tranquila, haja vista que se fez necessário o contato não somente com os sujeitos da pesquisa, mas com aqueles que contribuem para a elaboração das práticas de letramento: famílias, professores, outros alunos.

Para haver uma maior aproximação com o grupo pesquisado e com o objetivo de delimitar o objeto da pesquisa foi necessário um período exploratório, no qual a observação deu-se de modo não estruturado, durante seis meses, no qual definiu-se os principais aspectos a serem observados, visando responder à questão que orientou a investigação: Quais são e como se dão as práticas de letramento de pessoas com deficiência na Comunidade do Fidélis?

Tendo definidos os aspectos a serem observados, sobretudo ligados às interações no ambiente, a fase posterior da observação apresentou um caráter mais sistemático, uma vez que as questões iniciais já haviam sido definidas. Os pontos centrais que nortearam a observação nessa fase podem ser sintetizados pelas seguintes perguntas: quais são as práticas de letramentos recorrentes na Comunidade do Fidélis? Quais são as concepções que envolvem as práticas de letramento?

Pautados na questão-problema buscamos de acordo com o objetivo geral analisar as concepções que são constituídas por pessoas com deficiência na “Colônia do Fidélis” na Ilha de Caratateua e tendo como objetivos específicos à análise dos usos dos letramentos por pessoas com deficiência; e identificar as concepções de letramentos construídas por pessoas com deficiência da “Colônia do Fidélis”.

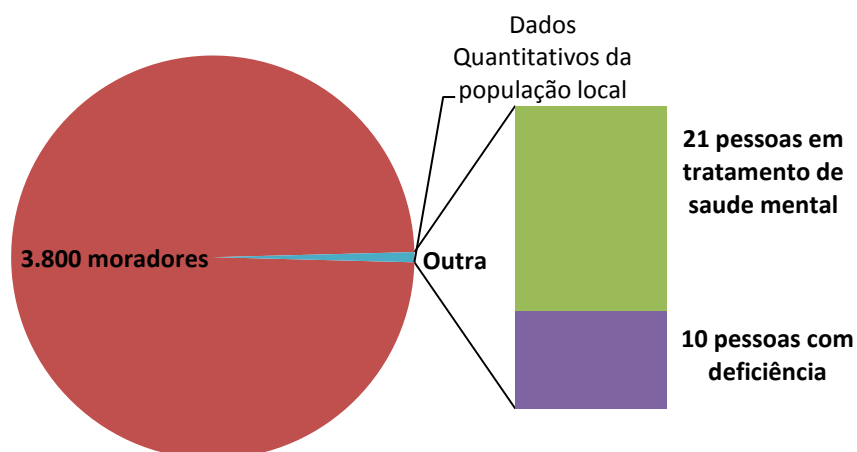
Práticas de Letramentos forjadas em um contexto social comum na realidade vivida na Amazônia paraense, por sujeitos que possuem em sua historicidade a exclusão escolar, profissional e cultural.

2.1.2 Os Sujeitos da pesquisa

Ao longo da trajetória de delimitação dos sujeitos pesquisados algumas análises foram relevantes para que obtivéssemos a definição dos participantes. Portanto, houve a necessidade de visita no ambiente escolar e na Unidade Básica

de Saúde da Família (UBS). Em entrevista com a coordenadora da UBS da Família Dona Edilena alguns dados acerca da população local puderam ser analisados conforme mostra a figura 8.

Figura 8 – Dados Quantitativos da população local



Fonte: Unidade Básica de Saúde da Família – UBS, 2016

Por meio dos dados foi possível fazer o levantamento do quantitativo de pessoas com deficiência residindo no bairro Colônia do Fidelis e traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa

Diante desses pontos, esta pesquisa, focou a análise em dois sujeitos deficientes que compreendem idades entre 13 e 16 anos. A escolha dos sujeitos observados deu-se por interesse em analisar suas práticas e as possíveis estratégias empregadas durante a realização de atividades que demandassem habilidades letradas em situações variadas.

Apresentarei os dados coletados dos sujeitos, conforme descrevo na sessão quatro. Para tal descrição, utilizarei a nomenclatura fictícia de Anderson e Michel para os sujeitos pesquisados.

Anderson está com 16 anos de idade, é morador do bairro Colônia do Fidelis, aluno do 4º ano do ensino fundamental, realiza Atendimento Educacional Especializado (AEE), mora com seus pais a poucos metros da escola e do campo de futebol, onde neste último realiza práticas esportivas.

Os primeiros contatos com o Anderson se deram na Escola Estadual “Colônia do Fidelis”, onde pude observar a interação de Anderson com os colegas de classe e professora. A princípio o sujeito investigado, demonstrou ser arredio, evitando aproximação, no entanto, após período de observação pude interagir e construir

relação de confiança. Anderson gosta das aulas de Educação Física e possui boa relação com os colegas.

Michel assim como Anderson também é aluno da Escola Estadual “Colônia do Fidelis”, cursa 5º ano do ensino fundamental no turno da manhã e realiza AEE no contra turno, atualmente possui 13 anos de idade e reside com seus pais e uma irmã mais nova. Tem relação próxima com os demais membros da família (primos e tios) e com os colegas próximos de sua casa, costuma brincar na rua, quando sua mãe autoriza. Por vezes, se irrita quando contrariado, gosta de jogar vídeo game.

Para densa descrição das práticas de letramentos das pessoas com deficiência foi necessário realização de entrevistas com os responsáveis de Anderson e Michel. Por este motivo apesar desta pesquisa não ter como foco os demais participantes, cabe citar a participação de Dona Silvia e Seu João (pais de Anderson) e Dona Maria e Seu Pedro (pais de Michel).

Dona Silvia e Seu João, assim como a grande parte dos moradores do bairro, foram atraídos à localidade em função das oportunidades que se constituíram historicamente. A habilidade na lavoura lhes concedeu por alguns anos o sustento familiar com o plantio e vendas de hortaliças, no entanto conforme os anos se passaram, as mudanças econômicas alteraram a forma de renda familiar e o casal precisou procurar outros meios de garantir o sustento da família.

Atualmente Seu João é aposentado, recebe um salário mínimo, renda que é somada ao benefício que Anderson recebe da Previdência Social (Benefício de Prestação Continuada - BPC) e de esporádicas diárias como doméstica que Dona Silvia realiza. Na figura 9 é possível ver a residência dos sujeitos pesquisados no bairro Colônia do Fidélis.

Figura 9 – Moradia dos sujeitos pesquisados



Fonte arquivo pessoal – abril de 2016

Na figura 9 temos duas fotos. A primeira a esquerda é a residência do sujeito Anderson apresenta coloração azul, toda de madeira, com muitos capins a frente, um portão de acesso ao lado esquerdo e arvores ao fundo.

A foto do lado direito é o local de moradia de Michel, feita de alvenaria, sem acabamento, com grades na porta e janelas e ao centro um varal com roupas.

Com relação à família de Michel a chegada ao bairro se deu em decorrência dos avos maternos do sujeito pesquisado. Seus avos se apropriaram das terras por conta das políticas agrárias dos anos de 1980 desenvolvidas no Distrito Administrativo do Outeiro. Dessa forma Dona Maria e Seu Pedro construíram moradia no espaço da família de Dona Maria, tal situação justifica a proximidade de Michel com os primos e tios.

Dona Maria e Seu Pedro são um casal jovem, ela com 33 anos e ele com 35 anos de idade. Dona Maria e dona de casa estudou ate o terceiro ano do ensino médio. Já Seu Pedro e funcionário do centro comercial de Belém. Michel não recebe auxilio financeiro.

A fim de considerar os pressupostos de Street (1993), a respeito das práticas de letramento e relevante analisar os aspectos que envolvem comportamentos, valores, atitudes, sentimentos e relações sociais de uso da escrita, da oralidade em combinação com a escrita, da musicalidade, dos sinais, da imagem e de outras formas de linguagem que constituem um conceito bem ampliado de letramento, que podemos chamar de multiletramento e se justifica a presença de outros sujeitos na analise e compreensão dos dados

Nesse sentido, os aspectos referentes à cultura local e a situação de deficiência que os sujeitos vivenciam tornam-se fator determinante para a construção de práticas de letramentos.

2.2 A ESCOLHA DOS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: A COLETA DE DADOS

A fim de revelar como os sujeitos da pesquisa, pessoas com deficiência percebem sua realidade, como constroem seus padrões de vida e como por intermédio de suas (inter)ações estabelecem valores, crenças, ideias e sistemas simbólicos significativos busquei compreender quem são, com quem interagem, quando, onde e que condições estabelecem o uso de diferentes instrumentos de letramentos e/ou de multiletramento, de modo a entender o fenômeno dessas práticas enquanto pesquisador.

Dessa maneira a pesquisa qualitativa aborda questões que auxiliam no processo de exploração desses fenômenos. Sobre pesquisa qualitativa Chizzotti (2003) aponta

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI 2009, p. 79).

Diante das possibilidades de exploração do caráter qualitativo, esta pesquisa é composta basicamente por dois procedimentos metodológicos: observação participante e entrevistas.

A observação foi uma ferramenta que possibilitou descortinar novos direcionamentos e enfoques ao longo do processo de levantamento de dados dentro da comunidade. Consideramos este procedimento fundamental para essa abordagem investigativa, é quando nos inserimos no mundo pesquisado procurando entender as dimensões culturais das relações que as pessoas interagem. Nesse sentido Minayo (2009) evidencia que este instrumento tem a capacidade de colocar o pesquisador em contato direto com o fenômeno, de modo que nesse processo ele pode tanto modificar quanto ser modificado pelo contexto.

A propósito as práticas de letramentos e/ou de multiletramento tem relação direta com a cultura local, dessa maneira compreendemos que a observação do cotidiano na Comunidade do Fidélis se faz necessário, a fim de analisá-las nos sujeitos. Tura (2003) aponta que a observação, tendo como características específicas a sistematização de condutas e os procedimentos de focalização em torno de um objeto determinado constitui um procedimento básico da investigação científica, possibilitando caminhos menos normatizados, tendo protocolos mais flexíveis.

Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), na observação participante, o pesquisador é mais do que um expectador dos fatos observados, passando a fazer parte do cotidiano de um grupo e buscando partilhar seu cotidiano com o objetivo de apreender os significados das vivências dos sujeitos pesquisados. Isso porque, o ato de observar, próprio do ser humano, é considerado parte essencial de toda atividade científica e pode ocorrer de diferentes maneiras.

É necessário considerar que a observação participante auxilia na compreensão dos letramentos de pessoas com deficiência, no sentido de captar todos os momentos, inclusive da linguagem não verbalizada como gestos, semblantes, expressões e outras formas de comunicação que podem se constituir como especificidade dos sujeitos pesquisados.

De acordo com Vianna (2003), para melhor validação da observação, é necessário registrar nas notas de campo “[...] breves descrições de ocorrências, elementos esquecidos e que depois voltam à lembrança, ideias analíticas e inferências, impressões e sentimentos e notas para futuras informações” (VIANNA, 2003, p. 32). O registro das observações de campo foi feito em notas de campo das ações observadas que eram organizadas em um diário. O diário de campo contribui de modo a sistematizar informações que por ventura aconteceram para posteriormente analisar o que se convencionou chamar de *corpus*

Dadas as especificidades da observação, irei utilizar também como técnica a entrevista que para Minayo (2009) pode ser entendida não como uma conversa despreziosa e neutra, mas como meio de coleta dos fatos diante da realidade e/ou fenômeno estudado.

Apesar da não neutralidade, é necessário perceber que os sujeitos da pesquisa necessitam estar à vontade para compartilharem de seus saberes e vivências. Por este motivo a fim de evitar a inibição por parte deles, baseando-me

nas considerações de Bogdan e Biklen (1994) a respeito das estratégias para um pesquisador qualitativo, realizei perguntas que exigem exploração do entrevistado. Sobre esse aspecto, os autores relatam que

[...] uma estratégia-chave para um investigador qualitativo no campo do trabalho consiste em evitar, tanto quanto possível, perguntas que possam ser respondidas com 'sim' e 'não'. Os pormenores e detalhes são revelados a partir de perguntas que exigem exploração (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 136).

Neste sentido, por entendermos a importância em propiciar para os sujeitos da pesquisa um ambiente favorável à explanação das experiências e a fim de aprofundar quanto suas relações com o meio, iremos utilizar como procedimento metodológico entrevistas como estratégia de compreensão da realidade e de trazer à tona as práticas de letramento que estão enraizadas com o saber cotidiano.

Minayo (2009) destaca que nesse procedimento há uma noção de entrevista em profundidade que permite intenso diálogo entre o entrevistador e informante. Para a autora esse contato é extremamente rico para análise do vivido, nele podemos encontrar o retrato da dimensão coletiva, por meio do olhar individual. Sobre a narrativa oral

A dialogicidade deve ser fator permanente no processo de escuta dos sujeitos. Durante o processo de definição das técnicas a serem utilizadas, foi imprescindível refletir sobre o método de estruturação e a forma de efetivação de tal procedimento, visto que de acordo com Bourdieu (2003):

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é tentar conhecer os sentidos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca [...] é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar e aceitar de participar da troca (BOURDIEU, 2003, p. 695).

Para o autor, é o pesquisador quem estabelece e conduz a forma da entrevista, sendo assim, cabe a ele reduzir ao máximo a violência simbólica que se pode exercer por meio dele. Para que isso ocorra é necessário instaurar uma relação dialógica entre o entrevistador e o pesquisado.

Logo, estar imerso na realidade dos sujeitos torna-se fundamental para a compreensão das concepções de letramentos e/ou multiletramento construídos por pessoas com deficiência, bem como estabelecer uma relação mútua de troca, de partilha, de respeito e compreensão acerca das experiências relatadas.

A dialogicidade marcada na relação com os sujeitos, refletem diretamente na produção dos dados, haja vista a proximidade que a pesquisa se propõe a construir. Dessa maneira sobre dialogicidade para Freire “não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2003, p. 92).

Neste sentido, é importante que todos nós saibamos que sendo o diálogo um conjunto de palavras verdadeiras em que deve haver a união da ação com a reflexão, as pessoas não são capazes de fazê-lo sozinhas, pois para que seja estabelecido é necessário que outras pessoas se encontrem e o pronunciem juntas.

Considerando a prática da escuta, do diálogo e por meio das técnicas e métodos para a coleta de dados compreendo que tais pressupostos possibilitam a compreensão não somente do objeto de estudo, mas a autorreflexão crítica do pesquisador, enquanto sujeito pertencente a um meio social que problematiza as questões referentes às pessoas com deficiências, moradores de comunidades da Amazônia Paraense e das concepções que permeiam o letramento e/ou multiletramento.

2.2.1 O processo de análise dos dados

Este tópico específico tem como objetivo explicar quais foram os procedimentos para interpretar e analisar os dados que foram coletados durante a pesquisa, considerando todas as suas etapas, a sua abordagem e as técnicas que foram usadas no decorrer da coleta dos dados.

As observações das práticas de letramento, juntamente com as entrevistas que recortam trechos da história de vida dos sujeitos pesquisados, possibilitam construir o corpus da pesquisa e a compreensão do fenômeno, enquanto objeto que se relaciona com os aspectos culturais, sociais e históricos entrelaçados no bairro Colônia do Fidélis.

Com relação à observação realizada *in loco*, os dados foram obtidos em diário de campo e por meio de entrevistas, para comporem o *corpus* da pesquisa. No diário de campo fiz anotações sobre as observações de todas as ocorrências –

impressões, dúvidas, contatos – do local de pesquisa. As entrevistas foram realizadas por meio aparelho de celular e transcritas para compor a análise desta seção.

A categorização e a reconstrução analítica de organização dos dados pautaram-se nas reflexões trazidas pelo campo de pesquisas do letramento e na compreensão da linguagem como um fenômeno social da interação verbal realizada através da interação (BAKHTIN, 1989). Ela é assim, associada a um caráter dialógico, “cada enunciado é elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2005, p. 272). Segundo tal conceito, buscamos analisar as situações concretas vivenciadas pelos indivíduos, considerando-se as condições de produção dos enunciados. Para o autor acerca dos gêneros do discurso

falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAKHTIN, 2003, p.282)

Os trechos mais significativos para os objetivos da pesquisa foram selecionados e transcritos, após a escuta cuidadosa do registro em áudio e, em seguida, esses trechos foram triangulados com as notas de campo, que permitiu, através de diferentes perspectivas, uma análise que não incorresse em interpretações altamente subjetivas.

Dessa maneira, pautamos as transcrições em perspectivas de alteridade, normalidade e disnormalidade. A fim de apresentar ao leitor as impressões, significados que permeiam as praticas de letramentos dos sujeitos deficientes.

Sobre a identificação dos falantes, nesta pesquisa, baseamo-nos nas ideias de Garcez (2002), optando por identificar os participantes do estudo por nome próprio. Para o autor, a identificação por nome leva a perspectiva dos participantes e minimiza a imposição de categorias. A escolha justifica-se por acreditarmos que é nas interações que os sujeitos definem seus papéis e constroem suas identidades. O desafio está em perceber esses diferentes papéis assumidos pelos participantes.

Na realização das transcrições, também busquei apoio em Bourdieu (1997), que afirma que o processo de transcrição requer um cuidado especial, pois toda transcrição já é uma tradução. Conforme o autor, o ato de transcrever uma fala

pressupõe uma interpretação e mesmo uma seleção do que foi dito. A passagem do oral para o escrito implica ainda em perdas significativas do que foi registrado na gravação, uma vez que a escrita é incapaz de transcrever com fidelidade aspectos como entonação, ritmo, pronúncia, linguagem dos gestos, postura corporal etc. Assim, o autor aponta a necessidade de um esforço no sentido de objetivação de si mesmo por parte do investigador, para que se evitem interpretações no momento da transcrição, baseadas no próprio ponto de vista daquele que transcreve.

Em relação ao processo de leitura e interpretação dos dados, foi importante considerar que a análise e investigação inerentes aos processos de leitura envolvem uma grande complexidade. Configurou-se como um exercício permanente durante a realização do trabalho não fazer da escrita simplesmente uma mera transcrição das falas, atribuindo uma explicação causal a essas, mas sim tentar compreender os discursos considerando-se a cena enunciativa na qual ocorreram. Portanto, foi preciso atentar para as sutilezas presentes nas práticas cotidianas, em que a subjetividade do autor/pesquisador foi assumida como um componente essencial da análise.

2.3 A PESQUISA DO ESTADO DA ARTE

As concepções se evidenciam quando problematizadas e auxiliam no processo de entendimento da construção histórica de letramentos que são priorizados em detrimento de outros. Por acreditarmos nas concepções de Street (2014) e a fim de delimitar o objeto de estudo, foi necessário analisar o panorama das produções que articulassem as temáticas desta pesquisa que compreendem: Letramento; Práticas de Letramento; Educação Inclusiva; Pessoa com Deficiência em Programas de Pós-Graduação em Educação. Visamos mapear as produções que realizam a interface entre o Letramento e a Educação Inclusiva, ou que relacionam as Práticas de Letramento com as de Pessoas com Deficiência.

Dessa maneira buscamos realizar pesquisas no panorama nacional realizado no banco de teses e dissertações do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoas (CAPES), foram encontrados onze trabalhos, destes dez são dissertações e uma tese. Já no âmbito regional as pesquisas se concentraram nas principais instituições públicas formadoras em nível de mestrado no Pará e no Amazonas por meio dos sites do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e da Universidade Federal

do Amazonas (UFAM), foram encontradas seis dissertações, totalizando dezessete produções.

Quadro 1- Panorama de produções acadêmicas

Nº	Título da Pesquisa	Autor (a)	Instituição	Ano
01	Língua Escrita e surdez: Uma análise das Práticas Pedagógicas desenvolvidas em escola especial de orientação bilíngue.	PEREIRA, Michele Melina Gleica Del Pino Nicolau.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP	2011
02	Alfabetização de Crianças e Jovens Superando Desafios da Alfabetização escolar	BRITO, Janira Bezerra de	Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN	2012
03	O Letramento de Alunos Surdos para a vida	SOUZA, Renata Antunes de.	Universidade de Brasília – UNB	2012
04	As Práticas de Letramento da Família e as Dificuldades de Aprendizagem: Perspectivas para o debate	OLIVEIRA, Patrícia de	Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR	2011
05	Letramento na Escolarização de Jovens e Adultos no Currículo de Língua Portuguesa	BEZERRA, Mariana Sílvia	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	2012
06	Práticas e Eventos de Letramento: Um estudo sobre os usos sociais da escrita de jovens de meios populares.	SANTOS, Roberta Lira dos	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	2011
07	Práticas de Letramento em uma escola de assentamento do movimento dos trabalhadores rurais sem terra no município de Lourenço da Mata	ALVES, Sidney Alexandre da Costa	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	2011
08	Dos hábitos aos habitus: (Re) Produção de Sentidos no Letramento Escolar	SILVA, Jemina Queiroz da	Universidade Federal da Paraíba – UFPB	2012
09	Letramento Digital e Letramento Informacional na literatura nacional em Língua Inglesa	LIMA, Alberto José Ferreira de.	Universidade Federal da Paraíba – UFPB	2012
10	Usos sociais da leitura e da escrita em uma comunidade quilombola – Alto Jequitinhona/MG	SOARES, Patrícia Barros	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2012
11	Letramento Digital em contextos de autoria na internet	ROQUE, Zulmira Medeiros	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2011
12	O Letramento no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pará.	NUNES, Herika Socorro da Costa	Universidade Federal do Pará – UFPA	2007
13	A formação dos professores: Saberes e práticas de letramento na educação de jovens e adultos	FERREIRA, Ioneli da Silva Bessa	Universidade do Estado do Pará – UEPA	2007
14	Práticas educativas na Amazônia Cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do centro comercial de Belém – Pará	LIMA, Maria do Socorro Pereira	Universidade do Estado do Pará – UEPA	2009
15	A Leitura no cenário escolar: como os professores a organizam, como os alunos a realizam	SILVA, Ivelize Fausto	Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2011
16	Letramento, Surdez e Identidade	SANTOS, Mariana Moraes dos.	Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2006
17	As Práticas de Letramento no Contexto da EJA	BRITO, José Amarino Maciel de.	Universidade Federal do Amazonas - UFAM	2011

Fonte: arquivo pessoal – outubro de 2015

No Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA foi encontrada uma dissertação intitulada “O Letramento no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pará” (NUNES, 2007), esta pesquisa objetivou analisar o letramento por meio do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras da UFPA. Dessa maneira a pesquisa não debate as Práticas de Letramento de pessoas com deficiência, tão pouco tangencia a Educação Inclusiva.

O Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará iniciou suas atividades em 2005 e possui duas Linhas de Pesquisa: Formação de Professores e Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Durante a pesquisa no site do Programa de Pós-Graduação da UEPA foram encontradas duas dissertações que tratam sobre Letramentos que se correlacionam com a EJA, (FERREIRA, 2007) e objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do centro comercial de Belém - Pará (LIMA, 2009). Logo constatamos a ausência de pesquisas que se refiram às temáticas Práticas de Letramento e Educação Inclusiva.

Dentre as três dissertações pesquisadas na Universidade Federal do Amazonas destacamos uma pela confluência com as temáticas Letramento e Pessoa com Deficiência. Esta foi intitulada “Letramento, Surdez e Identidade” (SANTOS, 2006) que teve como objetivo analisar o letramento, visando compreender sua construção por meio do sujeito surdo e a influência na identidade deste. As demais pesquisas foram referentes as temáticas da Leitura Escolar (SILVA, 2011) Práticas de Letramento e Educação de Jovens e Adultos (EJA), (BRITO, 2011)

Diante disso, este levantamento remete-nos à percepção de que a interface entre as temáticas **Práticas de Letramento e Pessoa com Deficiência** ainda não fora realizada nos Programas de Pós-Graduação em Educação das Instituições do Estado do Pará, de maneira que se suscita esta investigação no cenário amazônico paraense.

No âmbito nacional Pereira (2011) destaca em sua pesquisa práticas pedagógicas desenvolvidas em uma escola bilíngue para alunos surdos, tendo como aporte teórico Vygotsky (1997 e 2000) e Ferreiro (2001) e Soares (2009 e 2010), de forma que os achados estivessem pautados no uso da modalidade escrita da Língua Portuguesa e não faziam relação com o uso da Língua de Sinais.

As pesquisas que envolvem estas questões favoreceram na problematização das práticas e usos do letramento, pois ideologias e padrões culturais são

evidenciados a fim de favorecer os grupos linguísticos dominantes, bem como se propõe na pesquisa de Soares (2012) ao analisar os usos sociais da leitura e escrita em uma comunidade quilombola.

Na pesquisa “As Práticas de Letramento da Família e as Dificuldades de Aprendizagem: Perspectivas para o debate” (OLIVEIRA, 2011) objetiva compreender quais valores e crenças podem estar subjacentes às suas práticas e aos eventos de letramento que proporcionam aos filhos, de modo que tais eventos auxiliam no processo de superação das dificuldades de aprendizagem.

Com base na temática Práticas de Letramento e Educação de Jovens e Adultos foram analisadas três pesquisas (BRITO, 2012), (BEZERRA, 2012) e (SANTOS, 2011). Dessa forma nenhuma delas faz referência a Educação Inclusiva e/ou Pessoa com Deficiência.

O trabalho intitulado “O Letramento de Alunos Surdos para vida”, Souza (2012) objetiva analisar o letramento em Língua Portuguesa para alunos surdos a partir do nível de escolaridade. O trabalho se fundamenta nos estudos sobre a educação de surdos, tendo como autores Quadros (1997) e Karnopp (2010), bem como nas questões do letramento propostas por Soares (1998), Kleiman (1995) e Tfouni (2006). A pesquisa possibilitou a percepção do quanto de afetividade entre professor e aluno é importante para o processo educacional bem como aconselha a necessidade de incentivar a produção escrita e o retorno do professor quanto a essa produção, a contribuição do trabalho com os gêneros textuais para o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos alunos surdos, a importância de definir qual aluno realmente precisa estudar português como segunda língua.

Neste sentido constatamos que é relevante o objeto de estudo Letramento de pessoas com deficiência ainda não fora realizada, de modo que esta investigação se propõe a analisar as concepções de Letramentos que são utilizadas na Comunidade do Fidélis na Ilha de Caratateua, questões pertinentes por levantarem indagações que são peculiares à região da Amazônia Paraense.

Sendo assim, ratificamos a importância da pesquisa por analisar as construções e elaborações dos letramentos que se constituem nesta comunidade por pessoas com deficiência.

3 ASSINALANDO PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

As questões teóricas que envolvem os pressupostos do letramento são extensas, complexas e abrangem diferentes conceitos. Neste capítulo iremos desenvolver alguns conceitos importantes, sem a pretensão de explorar todas as divergências, toda complexidade que envolve o assunto. Os conceitos escolhidos para serem desenvolvidos são de oralização, letramentos(s), práticas e/ou eventos de letramentos e alfabetização, tendo como autor de base Brian Street. Esses conceitos vão ser fundamentais para o reconhecimento das culturas locais, das identificações identitárias e das relações de alteridade que ocorrem entre as pessoas no bairro Colônia do Fidélis.

3.1 ESTUDOS SOBRE LETRAMENTO

3.1.1 Letramento e oralidade

Iniciaremos rápida análise sobre a teoria da “grande divisão” do qual Street (2014) elabora com clareza e argumentação contestações sobre esta teoria.

Basicamente esta concepção analisa a o letramento distinto e/ou separado da oralidade, um dos principais precursores desta teoria é o autor Walter Ong (1982). Cabe ressaltar que para Ong (1982)] o letramento tem estreita relação com a escrita e alfabetização além de defender a ideia de distinção entre “puro letramento” e/ou “pura oralidade”.

Ong (1982) estabelece uma diferenciação entre oralidade e letramento em um princípio básico. Para o autor o som, elemento da oralidade só existe em sua emissão, não pode ser interiorizado ou capturado; é mais situacional e concreto. As culturas orais tendem a usar conceitos operacionais e padrões de referência que se constituem, minimamente, em abstrações. Já a escrita é isolável, dissecável, analítica e associadas a outros sentidos, parecem ser capazes de fixar impressões diferentemente do som que não apresenta essas possibilidades.

Este tipo de análise coloca a oralidade à margem do contexto. A oralidade é definida como uma subcultura uma vez que somente por meio da escrita é possível construir um pensamento analítico. A teoria da grande divisão apresenta um caráter grafocêntrico e etnocêntrico, que objetivamos com esta análise levantar

questionamentos e possibilitar a compreensão dos letramentos e suas relações com os grupos sociais que a utilizam.

A fim de possibilitar compreensão da teoria da grande divisão, segue quadro explicativo da diferenciação que embasa este conceito.

Quadro 2 - Teoria da Grande Divisão

Letramento	Oralidade
Capacidade de examinar as coisas separadamente de seu contexto social Good e Watt (1989) .	Pensamento redundante e pouco original Ong (1982) .
Supervalorização da escrita	Marginalização do som
Distanciamento, no tempo e no espaço, entre a fonte de comunicação (o escritor) e o recipiente (o leitor) . Ong (1998) .	Na comunicação oral a fonte (o falante) e o recipiente (ouvinte) estão necessariamente presentes . Ong (1998) .

Fonte: Elaboração própria, 2017

Street (2014) em sua crítica a esta teoria compreende este processo da seguinte forma: não é possível a distinção e/ou separação do letramento da oralidade, haja vista que são processos que se complementam. Outros autores compartilham das ideias de Street como, por exemplo, Heath (1982) que entende as práticas letradas e de oralidade relacionadas, somativas e complementares

a palestra inclui letramento quando os ouvintes fazem anotações e o palestrante lê o papel, enquanto seminários frequentemente consistem variamente de discussão e tomada de notas. A forma da fala também pode ser afetada por convenções associadas à escrita, mas de igual modo a forma de *escrita* é influenciada pelo contexto oral em que se realiza. (HEATH 1983 p. 49).

Queremos com esta análise permitir o entendimento da oralização como processo pertencente às práticas de letramento, pois considerando as sociedades contemporâneas é cada vez mais raro imaginar uma organização social que seja completamente oral, haja vista o contato mínimo em que estas estão submetidas a atividades letradas.

Vale ressaltar que esta possibilidade de complementação ou de contínuo entre oralidade e escrita abre um viés para compreender o processo de alfabetização ou ausência dele, as limitações quanto ao aprendizado e a valorização da oralidade. É necessário pensar que no caso de pessoas com deficiências, em especial quando se trata de deficiência intelectual a possibilidade de não

alfabetização não significa a falta de oralidade, argumentação e capacidade de análise. Dessa maneira este pensamento contempla os sujeitos que por ventura estão limitados fisicamente ou intelectualmente de algum processo de leitura e de escrita.

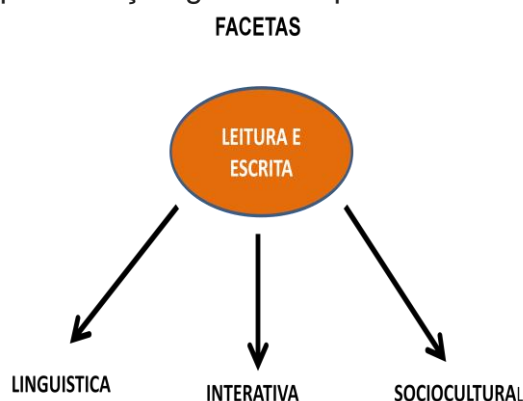
Street (2014) argumenta contra a teoria da “grande divisão” de modo a questionar a supervalorização da escrita em detrimento da oralidade. Por este motivo, considerando os aspectos relevantes desta investigação e os sujeitos pesquisados (pessoas com deficiência), se faz necessário compreender as práticas de letramentos em uma perspectiva social, a fim de considerar os aspectos pertinentes à cultura, política, economia, saúde, além de analisar se estes fatores são influentes para as produções das práticas de letramentos que não necessariamente estão ligadas a escrita, no caso a possibilidade de considerar as produções orais, os desenhos, as cantigas.

A perspectiva que assumimos neste trabalho é a de não distinção entre oralidade e escrita uma vez que concordamos com a tese de complementação ou contínuo entre oralidade e escrita e que ambas as formas de linguagens são essenciais para as práticas de letramento de pessoas com deficiência.

3.1.2 Letramento e alfabetização

Magda Soares (2016) estabelece importante distinção conceitual para uma melhor compreensão da relação entre alfabetização e letramento: o primeiro conceito é de decodificação, que implica a capacidade de representação do som auditivo em letra visual; o segundo é de compreensão da escrita em relações de interação verbal; e o terceiro é o de uso e atribuições de valor para o escrito em práticas sociais de leitura e escrita. Para cada uma destas distinções conceituais Soares (2016) nomeia como facetas: linguística, interativa e sociocultural.

Figura 10 – Representação gráfica do processo de leitura e escrita



Fonte: Elaboração própria (2016)

As facetas se relacionam na medida em que analisamos o processo como em conjunto e se distanciam na medida em que são investigadas isoladamente, como se não pertencessem a uma mesma área de estudo. A relevância em levantar esta análise, diz respeito a considerar este processo de leitura e escrita como um conjunto de fatores, ou como define Soares (2016) “facetas”, pois estes fenômenos se correlacionam para a constituição das práticas de letramento.

Dessa forma o conceito de letramento se amplia e se diferencia de outro fenômeno chamado alfabetização. Tal conceito analisa o fenômeno sob o contexto social, favorecendo outros grupos sociais

Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2003, p. 24)

Essa perspectiva possibilita diferentes análises e considera a existência de outros tipos de letramentos que se constituem em diferentes espaços. Porém, historicamente o termo letramento esteve associado à ideia de alfabetização, logo aquele que não era letrado, era considerado analfabeto, pensava-se outrora.

As novas conceitualizações surgem a partir das necessidades sociais, a palavra letramento tinha esta conotação em virtude do não reconhecimento deste enquanto fenômeno. À medida que o analfabetismo vai sendo superado, um novo fenômeno emerge e necessita ser nomeado.

Para Soares (2003) o novo fenômeno só ganha visibilidade à medida que o desenvolvimento social, cultural, econômico e político traz novas e variadas práticas de leitura e escrita. Assim compreendemos que os dois fenômenos são distintos, mas que se correlacionam e interagem por meio dos contextos sociais.

Interessa-nos utilizar o conceito em sua dimensão social pela sua potencialidade ao problematizar condições, resultados e consequências da apropriação da leitura e da escrita pelos sujeitos, mas também para grupos e sociedades porque isso nos auxilia a compreender como são construídos diferentes modos de inserção e participação na cultura escrita (BATISTA, 2000) As concepções de letramento e alfabetização comumente aparecem interligadas. É fato que apesar de indissociáveis, é necessário entender os campos de estudo como um processo. Para (TFOUNI, 2010) a alfabetização e letramento podem ser compreendidos como um processo de aquisição de um sistema escrito.

De acordo com Tfouni (2010) a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas *práticas* de linguagem, enquanto que o letramento focaliza nos aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. De modo geral, o letramento abarca investigações não somente de sujeitos alfabetizados, mas também de quem não é alfabetizado.

Para Soares (2003) o conceito de alfabetização pode ser compreendido como: “Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada; sabe ler e escrever, mas não cultiva e nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas [...]” (SOARES, 2003, p. 47). Ser letrado aqui significa participar de práticas que envolvem o uso da leitura e escrita de texto. Como achamos que parece impossível não se envolver em práticas de leitura e escrita em que vivemos a situação de pessoa completamente sem letramento parece ser impossível de ocorrer.

Com o surgimento do conceito de letramento as discussões tem pautado em torno do processo de alfabetização para além do ato de ensinar a ler e escrever. Para Soares (2003), o ato de letrar significa mais que alfabetizar, pois é preciso levar em consideração o contexto em que se dá esse processo; ensinar a ler e escrever na perspectiva de que essa escrita e essa leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Para Soares,

alfabetizar-se, ou deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a tecnologia do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e

de escrita – tem consequência sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição e, aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos (SOARES, 2012, p.17-18).

Para definir o letramento Soares (2003). apropria-se do seguinte conceito: letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social

Diante das varias concepções apresentadas, é importante que não se perca de vista que a alfabetização tem um foco individual determinado pelas capacidades e competências cognitivas e linguísticas escolares – letramentos escolares e acadêmicos – enquanto que o termo letramento utiliza as práticas sociais de linguagens valorizadas ou não, envolvendo contextos sociais diversos – família, igreja, trabalho, escola, mídias etc. – em uma perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.

O conceito de letramento difere de acordo com o autor e suas concepções de mundo, leitura, escrita. Algumas concepções defendem o modo como são entendidos, trabalhados e interpretados no contexto social. Já outros levam em consideração diretamente o processo de aquisição da leitura e da escrita.

E mesmo frente às discussões e diferenciações entre letramento e alfabetização, podemos compreender as relações de poder que diferem e interligam as concepções aos grupos dominantes. No âmbito das práticas de letramento podemos compreender o surgimento de novos segmentos, haja vista a diferenciação entre o letramento escolar e o não escolar.

A existência de um conceito escolar que difere de um conceito não escolar de letramento remete às diferenças entre práticas escolares e práticas sociais (não escolares) de leitura e de escrita. Nesse sentido Soares assinala que:

A hipótese aqui é, então, que letramento escolar e letramento social, embora situados em diferentes espaços e em diferentes tempos, são parte dos mesmos processos sociais mais amplos, o que explicaria por que experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita proporcionadas pelo processo de escolarização acabam por habilitar os indivíduos à participação em experiências sociais e culturais de uso da leitura e da escrita no contexto social extraescolar (SOARES, 2003, p. 111, grifo da autora).

Assim, mesmo possuindo especificidades o letramento, tanto no âmbito da escola, quanto no âmbito extraescolar, constitui um processo mais vasto que se refere a inúmeras práticas em que há demanda(s) do uso da leitura e da escrita. Em

consonância com tais ideias, pode-se apontar aqui, por exemplo, as expectativas quanto as práticas de letramentos de pessoas com deficiência no bairro Colônia do Fidelis na Ilha de Caratateua.

3.1.3 Letramento(s) e multiletramentos

Tendo como objeto de pesquisa as Práticas de Letramento e como sujeitos pesquisados pessoas com deficiência do bairro Colônia do Fidelis na Ilha de Caratateua/Pa, cabe nesta investigação tomar como base os pressupostos da *New Literacy Studies* (NLS) por considerar a pluralidade do letramento, considerando aspectos referentes ao meio em que a sociedade esta inserida.

Esses estudos compreendem um conjunto de conceitos teóricos sobre o letramento e têm fundamentos políticos, sociais e antropológicos que consideram a pluralidade na concepção desse conceito e realizam uma interface entre Linguagem, Antropologia e Educação. Acerca do termo *New Literacy Studies* eles

Representam uma nova tradição em consideração à natureza do letramento, contemplando não apenas a aquisição de habilidades, como acontece nas abordagens dominantes, mas antes no que significa pensar sobre o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando de acordo com tempo e o espaço, mas também impugnados por relações de poder. (STREET, 1993, p 77)

Analisar a concepção de letramento por meio das práticas sociais é questionar as abordagens dominantes. Tal questionamento implica no reconhecimento de práticas letradas que variam de acordo com o tempo e espaço, bem como as relações sociais existentes. Além de possibilitar a expansão do conceito de letramento.

Acerca dos NLS Street (2014) aponta que a tendência tem sido em considerar o letramento de maneira mais ampla, como uma prática social, por meio de uma perspectiva transcultural. A partir desta perspectiva ocorre uma mudança sobre a visão dominante de letramento, antes entendida como neutra, técnica. Atualmente é compreendida como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos. Partindo destes pressupostos Street (2014) conclui sobre os novos estudos de letramento que

As condições sociais e materiais afetam (se é que não determinam) a significação de uma dada forma de comunicação, e é inadequado (se não impossível) deduzir do mero canal quais serão os processos cognitivos

empregados ou as funções que serão atribuídas à prática comunicativa. (STREET, 2014, p. 17)

Dessa maneira compreendemos que esta pesquisa compartilha dos pressupostos dessas novas abordagens, primeiro na natureza social do letramento e, por conseguinte, no caráter múltiplo das práticas letradas.

Segundo Soares (2010), os NLS, realizados sob uma perspectiva social e etnográfica, emergiram nos anos de 1990, trazendo além de novos princípios e pressupostos teóricos, alguns instrumentais para a análise do fenômeno do letramento (SOARES, 2010, p.104). Esses novos conceitos analisam as práticas letradas do ponto de vista social, a fim de identificar o letramento enquanto fenômeno que passa a fazer parte da vida de indivíduos em seus contextos locais.

Sobre o NLS Galvão (2004) sinaliza que o ler e o escrever fazem parte de atividades humanas complexas, esses novos estudos consideram impossível analisar tais fenômenos separando-os das pessoas, dos grupos e dos lugares onde ocorrem. Para a autora, os estudos sobre letramento, cada vez mais, têm privilegiado a realização de estudos mais circunscritos, em muitos casos utilizando a Etnografia e, mais amplamente, as ideias da Antropologia. O letramento pode ser compreendido como uma ferramenta teórica que auxilia na compreensão dos modos e das condições em que os sujeitos lidam com o fenômeno cultural da escrita em que é possível observar o caráter político, ideológico e social das práticas ligadas a essa cultura.

Também para Kleiman (1995), o letramento pode ser considerado um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder. Ao compartilharmos destas concepções, a análise passa a ser do letramento enquanto fenômeno presente no cotidiano de pessoas que se envolvem em diversas práticas, pois compartilhar de informações em jornais, tecnologias, músicas, artes, de certo modo é apresentar certo grau de letramento, haja vista que os sujeitos estão imersos em um mundo letrado. Se bem que agrupar pessoas em grau é de um determinado tipo de perspectiva que - como veremos mais a frente na distinção entre letramento autônomo e ideológico - desvaloriza os eventos e as práticas que ocorrem nas diversas situações sociais.

Pluralidade que esta pesquisa se propõe a investigar mediante as variações de letramentos conforme o contexto social, em que estão inseridos os sujeitos pesquisados. Conforme aborda Street (1984) poderíamos, mais apropriadamente nos referirmos, a 'letramentos' do que a um único 'letramento'(STREET, 1984). Dessa forma, na compreensão do letramento como um fenômeno cultural, somos incitados ainda a olhar tal fenômeno “compreendido em práticas sociais mais amplas, estando desse modo relacionado aos valores socioculturais que permeiam essas práticas” (MENDES, 2001, p. 06).

3.1.4 Letramento e pessoa com deficiência

Neste item iremos estabelecer um paralelo entre os letramentos e a pessoa com deficiência.

Sabemos que, na esfera social, tudo gira em torno da comunicação e dos processos que a envolvem. E mais uma vez precisamos recorrer aos teóricos para entender de que forma essa comunicação está intimamente ligada à linguagem. Nesse sentido, um teórico russo já nos dizia que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHITIN, 2003, p.261).

Linguagem que utilizamos para acessar as coisas que estão ao nosso redor e conseqüentemente obtemos informações e fazemos inferências acerca daquela questão. No entanto, o que queremos salientar com esse levantamento é a relevância de se considerar as diversas formas de obtenção de informações e não de se considerar apenas um tipo de mecanismo.

Estas análises possibilitam estabelecer uma crítica ao conceito normalizador acerca do letramento e das pessoas com deficiência, pois há no senso comum a ideia impermeabilizada de que existe a padronização e/ou normalização destes conceitos. Sobre esta análise o linguista e crítico literário Lennard Davis (2006) explicita

Nós vivemos em um mundo de normalizações. Cada um de nós se esforça para ser normal ou tenta deliberadamente evitar o estado contrário. Nós consideramos o que uma pessoa média faz, pensa, adquire ou consome. Nosso grau de inteligência, nosso nível de colesterol, nosso peso, altura, excitação sexual, dimensões corporais estão ao longo de alguma linha conceitual de subnormalidade em relação à média. Nós consumimos diariamente um mínimo de vitaminas e nutrientes balanceados baseados no que um ser humano deve consumir em média. Nossas crianças são

classificadas na escola e testadas para determinar onde se ajustam em uma curva normal de aprendizagem, de inteligência. Os doutores medem e pesam-nas para ver se elas estão acima ou abaixo da curva de altura e peso. Não existe provavelmente nenhuma área da vida contemporânea na qual alguma ideia de norma, meio ou média não tenha sido calculada (DAVIS, 2006a, p. 3).

A crítica de Davis (2006) perpassa por vários âmbitos da sociedade, porém nesta pesquisa iremos nos deter com o processo normatizador do letramento e da pessoa com deficiência.

Este processo excludente não possibilita a inserção das pessoas com deficiência nas mais diversas atividades do cotidiano, bem como desconsidera as práticas de letramentos constituídos por estes sujeitos. Esta discussão sugere estabelecer novas perspectivas, conceitualizações que possibilitem a considerar as pessoas com deficiência e as diferentes práticas letradas. Acerca deste paradigma o autor Davis (1995, p. 5) explica

O corpo deficiente é um pesadelo para o discurso teórico da moda, porque esse discurso foi limitado pela mesma predileção dominante, da cultura do *ableist* [capacitismo]. O corpo é visto como um local de *jouissance* [gozo, desfrute], um território nativo de prazer, a cena de um excesso que desafia a razão, que toma a cultura dominante e sua visão rígida de poder do corpo sobrecarregado.

Com o propósito de problematizar a predileção da cultura dominante sobre o modelo de corpo perfeito, de inteligência, do uso da linguagem, partimos da ideia contrária a esta perspectiva, pois intencionamos focalizar a realidade local, conectada com o global, abrangendo também a diversidade na linguagem nas diferentes culturas. As diversas manifestações de linguagem sugerem também a diversidade nos significados. Acerca deste assunto Rojo expõe

podemos dizer que trabalhar com a leitura e escrita, na escola hoje, é muito mais que trabalhar com a alfabetização ou alfabetismos é trabalhar com os letramentos múltiplos, com as leituras múltiplas – a leitura na vida e a leitura na escola – [...] Trata-se, então de garantir que o ensino desenvolva as diferentes formas de uso das linguagens (verbal, corporal, plástica, musical, gráfica etc.) e das línguas (falar em diversas variedades e línguas, ouvir, ler e escrever). Para participar de tais práticas com proficiência e consciência cidadã, é preciso também que o aluno desenvolva certas competências básicas para o trato com as línguas, as linguagens, as mídias e as múltiplas práticas letradas, de maneira crítica, ética, democrática e protagonista (ROJO, 2009, p.118-119).

Desta maneira, o conceito de letramento se amplia e inclui nessa perspectiva componentes como: a) o alfabético, o texto impresso; b) o auditivo e o oral; c) a

dança, o teatro; d) o visual; e) desenho. De acordo com esta perspectiva analisamos abaixo a imagem 5

Figura 11 – Representação em desenho de personagem de anime japonês



Fonte: Arquivo pessoal – outubro de 2016

A produção em desenho na imagem 5, foi feito pelo sujeito Michel por meio da relação que estabelece entre jogos de vídeo game o assistir do desenho *Dragon Ball* na TV. Essas representações possibilitam incluir estas formas de expressão; linguagem, letramento como mecanismo de compreensão e relação com o mundo, ou seja práticas de letramentos.

Diante das discussões levantadas neste tópico, fizemos o entrelaçamento entre o objeto de estudo com o referencial teórico. Analisamos na perspectiva de crítica da normalidade a proximidade que ambos os conceitos – letramento e pessoa com deficiência – possuem, pois diante da predileção da cultura dominante estes conceitos se resumiriam a apenas um.

3.2 O MODELO IDEOLÓGICO E O MODELO AUTÔNOMO DE LETRAMENTO

A compreensão do letramento como prática social possibilita profunda discussão das diversas concepções e modelos interpretativos do letramento que são utilizados por cientistas, instituições, políticas públicas, profissionais da educação, grupos sociais, mídia. Dessa maneira para Street (1984) os estudos que abordam a

dimensão individual de letramento podem ser denominados de “autônomo”, porque geralmente fazem relação com a escrita alfabética supondo um maior desenvolvimento cognitivo e a dissociação das funções interpessoais, a fim de criar supostamente um uso mais objetivo e científico da linguagem.

As concepções de modelo autônomo aparecem ligadas aos ideais de letramento como progresso econômico, mobilidade social e objetiva construir um modelo de sociedade, em que haja homogeneização do letramento.

Desse ponto de vista, a aquisição da escrita é colocada como fundamental para o desenvolvimento das capacidades de raciocínio e abstração. O letramento é, então, tomado como base para estabelecer a distinção entre culturas orais e culturas letradas, entre o não moderno e o moderno, entre as sociedades primitivas e as avançadas, o que, segundo Street (1984) incorpora uma visão etnocêntrica ocidental letrada.

Street (2014) critica a concepção do letramento como meio de desenvolver as capacidades cognitivas visão dicotômica entre fala e escrita, a concepção dominante que reduz o letramento a um conjunto de capacidades cognitivas, que pode ser medidas nos sujeitos.

Dessa forma, já que o letramento é uma variável contínua, e “não discreta ou dicotômica” (SOARES, 2003, p.71) Igualmente, são de natureza heterogênea os diversos fatores contextuais, sociais, políticos, econômicos, culturais, ideológicos, etc., que concorrem para determinar seus múltiplos significados. Como afirma Soares (2003):

[...] letramento é também um contínuo, mas *um contínuo não linear, multidimensional, ilimitado*, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos, em que, conseqüentemente, são múltiplas e muito variadas as habilidades, conhecimentos, atitudes de leitura e de escrita demandadas, não havendo gradação nem progressão que permita fixar um critério objetivo para que se determine que ponto, no contínuo, separa letrados de iletrados (SOARES, 2003, p. 95.).

Segundo Street (2014, p. 37) “os povos locais têm seus próprios letramentos, suas próprias habilidades e convenções de linguagem e suas próprias maneiras de apreender os novos letramentos fornecidos [...]” concepções que criticam a homogeneização do letramento, a invisibilização das diversas práticas sociais, a marginalização dos saberes locais. Em contrapartida a este modelo autônomo de

letramento, Street (2014) sugere que as habilidades podem ser consideradas a partir do conceito de letramento ideológico.

Street (2014) aborda a relevância em se questionar os letramentos em termos de um modelo ideológico explícito, pois favorece a variedade de práticas culturais, incluindo a língua e de modo geral os letramentos.

Partindo desses pressupostos, Street (1984) defende a ideia da dimensão social do letramento. De acordo com o autor o letramento ideológico pontua o conceito que práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos. Segundo esse modelo, o letramento é entendido em termos de práticas sociais e ideologias, que se baseiam na compreensão de que a escrita não é neutra; pelo contrário, está envolvida por diferentes significados sociais.

Neste conceito a verdadeira natureza do letramento é a maneira como as práticas de leitura e escrita assumem em determinados contextos sociais, e isso depende das instituições sociais que propõem e exigem essas práticas.

Por esse motivo Street (2014) defende que as consequências do letramento estão intimamente ligadas com os processos sociais mais amplos. As determinações de letramento resultam de uma força particular de transmitir e de reforçar valores, crenças, tradições e a manutenção e distribuição de poder.

Baseada nos estudos de Street (2014), para reforçar a reflexão, trago o Quadro 1, que mostra características dos modelos autônomo e ideológico de letramento:

Quadro 3 - Modelos de Letramento, segundo Street.

	ENFOQUE AUTÔNOMO	ENFOQUE IDEOLÓGICO
Objetivo	competência para participação nos domínios privilegiados (OLSON, 1994, p.274).	Os efeitos são condicionados as práticas e finalidades específicas
Conceito	Sem escrita, a mente não pensa Até mesmo quando esta oralizando, Inferior, incapaz Grau de letramento (nível)	Práticas que combinam oralidade e escrita
Visão do outro	Adaptação do indivíduo	Autoestima construção de Identidade Empoderamento Forte cultura local Contra hegemonia

Fonte: Bentes (2016)

Soares (2003) enfatiza que os conceitos de letramento fundamentam-se em duas vertentes conflitantes a respeito das relações entre letramento, sociedade e cultura: a primeira, denominada pela autora como interpretação progressista ou liberal, baseia-se no valor pragmático do letramento; a segunda, denominada interpretação radical ou revolucionária, baseia-se em seu potencial para transformar relações e práticas sociais injustas. Acerca da segunda vertente

[...] letramento não pode ser considerado um instrumento neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente um conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar *ou* questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais (SOARES, 2003, p. 74-75, grifos da autora).

Dessa maneira, consideramos o letramento enquanto fenômeno a partir da natureza, da estrutura e do contexto social específico no qual ele ocorre, a fim de considerar a historicidade e a cultura local como pertencente do processo de construção dos mesmos.

Pode-se afirmar que as ações de letramento são social e culturalmente determinadas, assim, “os significados que as práticas de letramento assumem para um grupo social depende do contexto e das instituições em que ela foi adquirida” (KLEIMAN, 1995, p. 21).

Conforme ressalta Galvão (2004): ao lado da escola, diversas outras instâncias também contribuem para que pessoas utilizem com maior frequência e propriedade a leitura e a escrita: o trabalho, o sindicato, o partido, a igreja, a biblioteca do bairro, a associação, o clube. Logo, as práticas de letramento são diferentes experiências vivenciadas em processos formais ou não formais de aprendizagem.

Não estamos com isso desconsiderando o lugar social ocupado pela escola como a instituição em que, por excelência, ocorre o aprendizado da leitura e da escrita (Soares, 2003), acreditamos que o acesso ao mundo letrado também pode ocorrer em outras instâncias não formais. Além disso, consideramos as particularidades que envolvem os sujeitos da pesquisa. As pessoas com deficiência nos últimos anos começaram a se fazer presente em todos os setores sociais, em decorrência das políticas sociais de inclusão, mas é necessário levar em conta as experiências sociais marcadas pela exclusão.

3.3 PRÁTICAS E EVENTOS DE LETRAMENTO

Com o objetivo de analisar as práticas de letramento de pessoas com deficiência, esta pesquisa se detém a observar os sujeitos, suas práticas cotidianas e ouvir seus relatos de experiências acerca dos possíveis letramentos.

Contudo, as práticas de letramento, “não são unidades comportamentais diretamente observáveis” (BARTON; HAMILTON, 1998, p. 06). Nos termos de Street (2014), as práticas envolvem comportamentos, valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Unem-se, a esses aspectos, a consciência das pessoas acerca do letramento, as construções e discursos, bem como o modo como dizemos e dotamos de sentido.

No que se refere à conceitualização de eventos de letramento Heath (1982) o define como “qualquer ocasião em que um fragmento de escrita é integral à natureza das interações entre os participantes e de seus processos interpretativos” (HEATH, 1982, p 93). Street (2012) define como um evento particular em que os mesmos estão acontecendo e se tem a possibilidade de vê-los. Street (2014) exemplifica os eventos de letramento

Palestras, por exemplo, representam um clássico evento de letramento: pode ser que o palestrante leia anotações; um projeto de *slides* no alto projeta diferentes tipos de informações; as pessoas, de vez em quando, podem olhar para a projeção no alto, baixar o olhar e fazer uma anotação, ler sua anotação e voltar a escutar o palestrante, algumas podem arquivar suas anotações em algum lugar fora dali; outras podem jogá-las na lata do lixo (STREET, 2014, p. 146).

Compreendemos que os eventos de letramento podem ser percebidos por observação direta nas interações em que ocorre o uso da linguagem escrita, tal como aponta Health (1982). Nos eventos, os textos escritos se constituem no principal foco da interação, mesmo que as relações estabelecidas sejam marcadas pela linguagem verbal. Ainda segundo a autora, os eventos podem ser identificados juntamente com os textos da vida cotidiana, nas relações estabelecidas entre os indivíduos.

Soares (2003) ressalta que a distinção que se estabelece entre eventos e práticas de letramento tem um caráter exclusivamente metodológico, uma vez que tais conceitos se configuram como duas faces de uma mesma realidade:

O conceito de **eventos** de letramento, dissociado do conceito de **práticas de letramento**, não ultrapassa, segundo Street (2001), o nível da descrição, embora tenha a vantagem de orientar o pesquisador ou estudioso para a observação de situações que envolvem a língua escrita e para a identificação das características dessas situações; não revela, porém, como são construídos, em determinado **evento**, os sentidos e os significados, produtos não só da situação e de suas características específicas, mas também das convenções e concepções que as ultrapassam, de natureza cultural e social. É o uso do conceito de **práticas de letramento** como instrumento de análise que permite a interpretação do evento para além de sua descrição (SOARES, 2003, p. 105, grifos da autora).

Em função desta interpretação que a pesquisa se propõe é que partiremos do pressuposto da análise das práticas de letramento, por compartilharmos de seu caráter mais abrangente. Para Street (2014) o conceito de práticas de letramento se coloca num nível mais elevado de abstração, pois se refere igualmente ao comportamento e as conceitualizações sociais e culturais que incorporam o sentido da leitura e escrita.

Sendo as práticas e os eventos construídos culturalmente, devemos entender o letramento para além das ações individuais, deslocando-o para o âmbito das relações sociais, ou seja, os modos como às pessoas com deficiência partilham de seus saberes. Deslocar a ideia do letramento como um atributo individual é uma das implicações mais importantes de uma abordagem ideológica e uma das formas pelas quais ela se difere de abordagens mais tradicionais.

Os sujeitos investigados enfrentam cotidianamente diversas situações que demandam de letramentos e/ou multiletramentos. O que faz com que eles mobilizem conceitos, concepções, representações, crenças, valores e critérios associados a diferentes contextos. As interações com outras pessoas, com determinados padrões socioculturais de estratégias, procedimentos, atitudes, comportamentos, disposições e hábitos, relacionados às formas de uso e modos de ler e escrever.

Pautados nestes pressupostos que esta investigação se propõe analisar o letramento em sua dimensão social, por meio de um conjunto de atividades que envolvem a cultura enquanto fenômeno presente na vida das pessoas com deficiência da Comunidade do Fidélis.

Por meio desta compreensão social de letramento que os pressuposto teóricos desta pesquisa se entrelaçam a fim de compreender o objeto de estudo enquanto fenômeno presente nas práticas cotidianas de pessoas com deficiência no bairro Colônia do Fidélis.

Esses são os aspectos que julgamos importantes para propor ao leitor nossa abordagem do conceito de práticas e eventos de letramento. Essas conceituações serão retomadas no quarto capítulo, quando explicitaremos outros aspectos, de natureza discursiva, que serão considerados na análise do fenômeno da mobilização e constituição de práticas de letramento através de interações verbais ocorridas nos diferentes episódios observados na Comunidade do Fidélis.

4 AS PRÁTICAS DE LETRAMENTOS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DA “COLÔNIA DO FIDÉLIS”

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS EVENTOS E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Nesta seção iremos contextualizar as práticas de letramentos de pessoas com deficiência do bairro “Colônia do Fidélis” na Ilha de Caratateua, distrito administrativo do Outeiro em Belém-Pa. Práticas essas que se relacionam com as diferentes atividades sociais desenvolvidas pelos sujeitos pesquisados.

Como já desenvolvemos na seção três, a expressão “práticas de letramentos”, é a explicitação das cenas, das valorações que são obtidas pelo pesquisador, a partir do discurso dos participantes. r Empregamos esse termo para focalizar nosso olhar para as as concepções de usos sociais de oralidade, de leitura e de escrita abstraídas dos participantes da pesquisa. Sobre as práticas de letramentos Magalhães (2005) relata que há uma relação entre a leitura e a escrita com as práticas sociais, que são multidimensionais, incluindo sujeitos e suas identidades, discursos e assimetrias de poder ligadas as ações, interações e variáveis de espaço-tempo.

A fim de focalizar as práticas de letramentos de pessoas com deficiência a coleta de dados foi realizada por meio de observação e entrevistas no *lócus* da pesquisa com o registro fotográfico e a gravação de áudios dos entrevistados. No processo de observação pudemos analisar as relações sociais existentes, a linguagem que circula em diferentes contextos e a interação dos sujeitos com deficiência com familiares, amigos e moradores do bairro em geral.

Já na entrevista, destacamos a importância de ouvir os entrevistados, as concepções constituídas, e a contextualização do fenômeno do letramento com a cultura local. A esse respeito, Street (2012) aborda

Não podemos apreender os modelos simplesmente sentando no muro com uma filmadora e observando o que está acontecendo. Podemos fotografar eventos de letramento, mas não podemos fotografar as práticas de letramento. Aqui há uma questão etnográfica. Temos de começar a conversar com as pessoas, a ouvi-las e a ligar sua experiência imediata de leitura e escrita a outras coisas que elas também façam (Street 2012, p. 76).

Dessa maneira nesta investigação justifica a utilização de fotografias e de trechos das entrevistas dos sujeitos pesquisados, pois compartilhamos dos pressupostos de Street (2012) e consideramos importante dar sentido,

apresentarmos a valoração atribuída pelas pessoas com deficiência aos eventos de letramentos.

Pertinente a estes aspectos, esta pesquisa de campo teve início em outubro de 2015 com a interação do pesquisador no dia a dia da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis”, a fim de conhecer os estudantes e demais moradores do bairro. Este primeiro contato possibilitou o reconhecimento do local, as práticas sociais desenvolvidas no bairro, o levantamento de informações históricas acerca da constituição da localidade e as necessidades que são compartilhadas pelos moradores.

A organização histórica do bairro foi obtida a partir do contato com as professoras Márcia e Michelle da educação especial da Escola Estadual “Colônia do Fidélis” – ver seção dois – o que propiciou a seleção dos sujeitos para serem entrevistados e marcação de datas para o início da observação nos espaços do bairro.

Essa descrição do local e da organização histórica, também nos ajudou a compreender as valorações e significados do letramento, como prática social. Desse modo a densa descrição local se faz necessário para aprofundarmos esta pesquisa de traços etnográficos que descreve e explica a variação de letramentos fora do discurso dominante.

Partindo destes pressupostos apresentamos na imagem 6 a fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” com a presença de alguns alunos no seu interior. O muro da instituição apresenta pinturas e desenhos que tem relação com grafiteagem. E em alguns pontos o muro já apresenta sinais de desgaste, pois a pintura está descascando.

Como podemos ver na imagem, a escola é rodeada de árvores frutíferas que, periodicamente, além de garantirem conforto e amenizarem o calor, alimentam os alunos e funcionários da escola. Esta mesma área arborizada é utilizada para recreação, nos momentos do intervalo escolar e para a prática de atividade física, pois a escola não possui quadra poliesportiva. Em função da ausência de quadra coberta, as atividades de educação física são suspensas durante o período chuvoso da ilha, que é frequente, não tendo uma estação bem definida para isso acontecer, uma vez que as chuvas são intensas no local.

Figura 12 – Fachada da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis”



Fonte: arquivo pessoal – dezembro de 2015

No ano de 2016, mas precisamente nos dias primeiro e quatro de fevereiro foram realizadas as entrevistas com os moradores do bairro – estudantes e familiares –, a fim de levantar dados acerca da constituição da localidade, do cotidiano e das interações dos sujeitos.

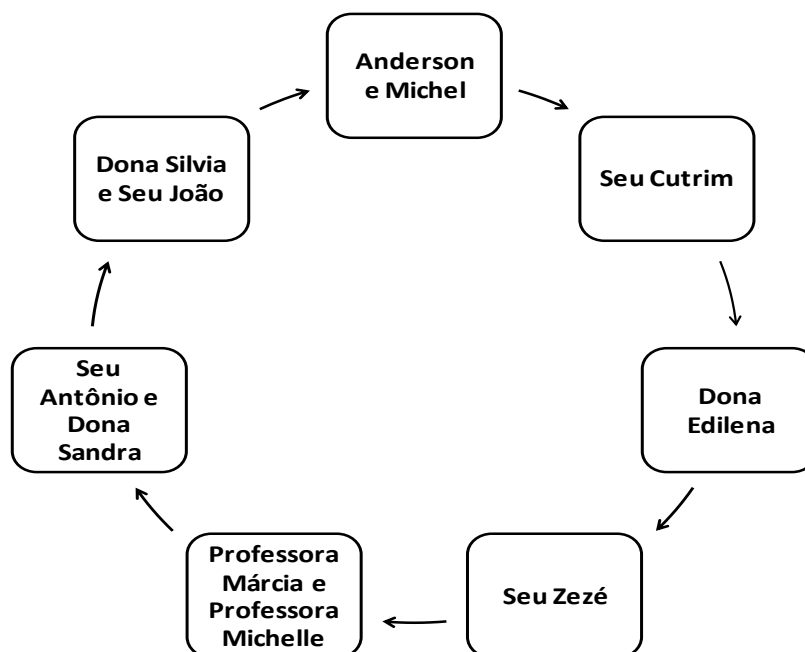
O organograma abaixo estabelece a relação existente entre as pessoas que fazem parte da realidade dos sujeitos pesquisados: Anderson e Michel. Esta organização social possibilita a troca de informações nos mais diversos gêneros e auxilia na aglutinação de conceitos que resultam nas práticas de letramentos constituídas pelos sujeitos deficientes.

A fim de compreender a importância da interação entre os sujeitos entrevistados, apresentamos na figura 7 um organograma, em que aparece o Seu Cutrim, que foi o “idealizador” da localidade, a liderança que iniciou o processo de ocupação do local. Por conseguinte, temos as figuras de Dona Edilena e de Seu Zezé, pessoas que historicamente contribuíram de maneira significativa para a implementação dos serviços básicos como a implantação do Posto de Saúde da Família e a construção da Escola Estadual “Colônia do Fidélis”.

Por conseguinte, verificamos a presença das Professoras Márcia e Michelle que atuam diretamente no AEE dos sujeitos pesquisados, Anderson e Michel. Dona Sílvia e Seu João possuem contato diário com Anderson, pois são os responsáveis

legais de Anderson e por fim o Seu Benedito e a Dona Sandra os responsáveis de Michel.

Figura 13 - Relação entre os entrevistados



Fonte: elaboração própria, 2017.

Considerando estes aspectos percebemos no organograma a existência de uma rede de interações entre os sujeitos que contribui para o desenvolvimento das práticas sociais de letramentos, pois Anderson e Michel e seus respectivos familiares se utilizam dos serviços de apoio social que na figura do Seu Cutrim, de Dona Edilena e do Seu Zezé são ofertados no bairro.

Já nas figuras das Professoras Márcia e Michelle, temos a oferta do ensino escolar e do apoio pedagógico especializado que os sujeitos Anderson e Michel participam.

Dessa maneira a fim de coletar mais informações acerca das práticas de letramentos, no decorrer do ano de 2016 a pesquisa continuou nos meses de maio, setembro e outubro com visitas aos espaços frequentados por Anderson e Michel como: escola, casa e igreja.

As informações obtidas por meio das entrevistas e observações compuseram o *corpus* da pesquisa e possibilitaram as análises das práticas de letramentos relatadas nesta pesquisa.

4.2 O COTIDIANO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO BAIRRO “COLÔNIA DO FIDÉLIS”

A vida de Anderson e de Michel está dedicada ao convívio com seus familiares e amigos, que se intercala entre os espaços do bairro: a casa, a escola e a igreja. Estes espaços propiciam o surgimento de práticas de letramentos que se relacionam com o contexto social dos sujeitos, a constituição histórica do bairro e dos moradores.

A vivência entre os moradores da “Colônia do Fidélis” anuncia a estreita relação que se estabeleceu ao longo dos anos. Relação que é compartilhada nas dificuldades enfrentadas no que se refere ao acesso à saúde, à educação, ao saneamento e que diante das problemáticas suscitam uma íntima relação.

Essa troca de saberes entre os sujeitos da localidade possibilita a análise do contexto local como sugere Street (2012) a fim de questionar o letramento monolítico, único, cujas consequências para os indivíduos sejam inferidas como resultados.

Partindo deste pressuposto, durante o período investigativo, foi perceptível que os moradores se conhecem enquanto sujeitos e compartilham de seus cotidianos seja no âmbito religioso, profissional, amoroso, político. Diante das concepções que são constituídas dentre estes sujeitos, a pesquisa se deteve em analisar as práticas de letramento de duas pessoas deficientes. Para tanto foi necessário o contato com familiares, professores e outros moradores a fim de consolidar este processo de construção do fenômeno investigado.

Conforme estabelecido no **Termo de Livre Consentimento e Esclarecido** nos utilizamos de nomes fictícios para identificar os sujeitos que nesta pesquisa, que como já dito, estão sendo chamados de Anderson e Michel.

Com dezesseis anos de idade Anderson é morador do bairro do Bairro há seis anos. Atualmente cursa o 4º ano do ensino fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Colônia do Fidélis” no turno da tarde, realiza AEE na mesma escola, no contraturno da turma do 4ª ano, ou seja, pela manhã, com a professora Márcia.

Com treze anos Michel também é aluno da mesma escola. Cursa o 5º ano do ensino fundamental no turno da manhã e realiza o AEE, no período da tarde, com a professora Michele.

Ambos os sujeitos possuem laudo de deficiência intelectual e residem com seus respectivos familiares. Nos dois casos, a organização familiar possui a figura do pai, da mãe e do(s) filhos. Outra característica em comum é que os dois participantes desta pesquisa frequentam igrejas evangélicas. Anderson participa de uma igreja de denominação neopentecostal, enquanto que Michel de uma igreja cuja denominação é pentecostal.

4.2.1 Evento 1: o *bullying* sofrido por Anderson

É possível afirmar que atitudes excludentes ou opressivas sempre foram uma constante na vida de Anderson de sua família. Para Dona Silvia estas atitudes e as sucessivas mudanças de uma cidade para outra se deram em função da deficiência de Anderson:

Evento 1

PE: Conte um pouco da vida do Anderson.

SI: Devido o problema dele. Não sei se o senhor já sabe, o problema do Anderson é o seguinte: o Anderson desde a idade de quatro anos, o Anderson sofreu de *bullying*, o senhor sabe o que é, né? Então, começou pela, pelo, pelos primos... pela família. Família mesmo, né? Aí... e nós ia pulando, quando a gente tinha assim um... um, um, um caso desse... o que que a gente fazia, pra não brigar com a família ou com vizinho ou com a família mesmo... a gente procurava sair fora. Ou alugava um quarto ou uma casa... saía fora. [...]

O Anderson é uma pessoa que ele faz camaradagem em todo o canto que ele chega, ele faz camaradagem e o pessoal gosta dele. Aqui no colégio mesmo, aqui no colégio mesmo teve uns dois aí que quiseram abusar dele, só que... parece que um tá fora do colégio e o outro também, mas me parece que tá, são dois. Eles dois estão fora do colégio... por causa dele o diretor tirou, né? Aí... surgiu mais outros aí... surgiu mais outros. Um dia desses eu chamei a mãe de um, eu chamei a mãe de um, fui falar pra ela (saiu) com quatro, cinco pedras na mão. Eu digo: não minha senhora, deixe pra lá o Anderson ele não... ele não... ele parece que ele tem medo assim de chegar na hora e provar... não, é conversa suja e tal... eu não faço isso e pronto e ele fica calado...[...]

Nunca notei nada foi desconfiado porque a:onde iam fazer o abuso, o... o... era vizinho nosso, ela chegou lá gritando na porta. Eu tava fazendo um banheiro com ele... no quintal... sabe?... Aí foi quando a menina chegou lá no, lá desesperada... Dona Sílvia, Dona Sílvia... olha, o moleque lá... quer atentar abusar do seu filho (coisa e tal) e naquilo. O moleque... e eu... botei no pai do moleque, consegui falar com o pai do moleque... e botei... nele, né? Quando consegui, só faltei matar, quase ia presa. O conselho tutela foi lá pra (...).(SILVA, Dona, 2016).

Neste primeiro evento temos o relato de Dona Silvia a respeito de alguns episódios que ocorreram na vida de seu filho – Anderson. Dona Silva chama esses

episódios de *bullying* impetrados por primos, “outros familiares” e vizinhos contra seu filho. Não chega a detalhar esses fatos, são apenas rotulados genericamente.

Os agressores citados por Dona Silva são conhecidos da própria família e vizinhos são os responsáveis por atitudes de opressão na vida do filho. No relato, ela identifica que o primeiro *bullying* foi com a idade de quatro anos, provavelmente um estupro de menor, cometido pelos primos.

De acordo com Smith (2002) *bullying* é um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir que ocorrem entre colegas da escola sem motivação evidente, e repetidas vezes, sendo que um grupo de alunos ou um aluno vitimiza um outro que não consegue encontrar um modo eficiente de se defender.

No caso da família de D. Sílvia, diante das situações de *bullying* a alternativa encontrada sempre foi de afastamento do local onde foi cometido. É importante ressaltar que Dona Sílvia se utiliza desse termo em inglês para definir as possíveis ações de preconceito e exclusão para com seu filho, não apenas na escola, mas também na vizinhança.

A fim de resguardar o filho, bem como a relação entre os familiares e vizinhança, os pais de Anderson optavam por evitar o convívio do filho com aqueles que segundo Dona Sílvia praticavam *bullying*.

O que a mãe chamar de *bullying*, deduzimos, ocorreu em função do fato do filho, além de ser menor, ser deficiente, o que a mãe chama de “problema”. Ou seja, é possível que a opressão sofrida por Anderson tenha sido em decorrência de ter nascido com o “problema” da deficiência intelectual. A mãe se posiciona diante da deficiência do filho classificando-a, valorando-a como um “problema”.

Essa valoração da mãe também pode estar associada a uma ideologia que desvaloriza as pessoas diferentes por não comporem um padrão estabelecido de corpo. Trata-se do discurso de “normalidade” que

parte de uma concepção de corpo – ou parte deste, com uma lesão – que precisa ser curado, ser substituído por uma prótese, sofrer intervenção cirúrgica, para finalmente ser considerada humana. A proposição subjacente é: para ter uma identidade humana, o corpo tem que ser normal. (BENTES; SILVA; HAYASHI; 2016, p. 796).

Na cena, podemos dizer que se trata de memórias do passado que justificam os fatos atuais: por que a família está morando no bairro do Fidelis? Por que a Dona

Silvia brigou com a família? O que a deficiência tem a ver com a ocorrência do *bullying*? É possível dizer que esses fatos lembrados são ocorrências da oralidade que justificam os fatos atuais. Também relacionam a deficiência como explicação principal dos acontecimentos passados que tem reflexo na situação presente, por isso, aproximamos este evento à oralidade e às situações de deficiência.

A chegada da família no bairro atual do Fidelis se constituiu como forma de fuga das problemáticas encontradas por conta da deficiência de Anderson. Dona Sílvia inicia os relatos acerca das mudanças comentando que moravam em Mãe do Rio, posteriormente precisaram se mudar pra Mosqueiro até chegarem no bairro Colônia do Fidélis, que apesar do contexto social excludente, segundo Dona Sílvia, é bem querido pelos que fazem parte do seu cotidiano.

Os relatos por vezes suscitam a ideia de Anderson ser bem querido, por apresentar características amistosas. Em contrapartida, após a “camaradagem” como é definida por Dona Sílvia a atitude do filho para com as pessoas, há indícios de “abusos” cometidos pelos próprios colegas. Os abusos mencionados apresentam diversas interpretações, pois a princípio Dona Sílvia não define o termo ficando subtendida a possibilidade de abuso sexual, violência física ou psicológica.

Para Dona Sílvia o filho não esboça reação, mesmo diante de situações conflituosas por apresentar comportamento pacífico. Dessa maneira, a fala da mãe evidencia a possibilidade de agressão física que acontecem inclusive no ambiente escolar.

As justificativas da família acerca das atitudes que foram tomadas esbarram na ideia de proteger o filho das práticas de *bullying* e “abuso”.

Na sequência do relato de D. Sílvia fica claro que o abuso mencionado tem conotação sexual cometido contra Anderson. Dessa forma, as suas ponderações tem o significado do cuidado ou proteção ao não permitir que novos abusos ocorram além da justificativa que tais situações podem ter acontecido em função da deficiência do filho.

A deficiência do filho apresenta relação com incapacidade, falta de habilidade em se defender frente às problemáticas da vida. Ao mesmo tempo em que enaltecem o comportamento de se mostrar aberto em fazer novas amizades, a colocam como fator de risco, haja vista as consequências pela intimidade que se estabelece em uma relação.

Pautamos aqui as concepções que a família tem sobre Anderson, sobre a deficiência, as relações sociais, os contextos sociais e as alternativas que a família encontra para resguardar o filho dos problemas vivenciados no cotidiano.

Agrupamos esse primeiro evento na categoria opressão por preconceito, uma vez que identificamos um efeito negativo em Anderson e na família dele, que por não reconhecerem a situação de deficiência, provavelmente, familiares e vizinhos se valeram da situação dele para provavelmente abusá-lo sexualmente. A opressão sofrida por Anderson, de familiares e vizinhos, foi experienciada também pela mãe e pelo pai que tiveram que mudar de residência, procurando um espaço que o filho não sofresse o que a mãe está chamando de *bullying*.

A partir desse relato sumarizamos as informações desse evento no quadro 1.

Quadro 4 - Sumarização do evento 1 O *bullying* sofrido por Anderson

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
“Eles” (primos, vizinhos) X Anderson	Sílvia: Devido o problema dele. Teve um ou dois que quiseram abusar dele olha, o moleque lá... quer atentar abusar do seu filho	Oralidade e pessoa com deficiência	Opressão por preconceito Opressão sexual

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.2 Evento 2: “Eu trato ele como normal”

Com relação a Michel, os discursos que descrevem a história de vida e os contextos sociais que o sujeito compartilha possibilitam compreender as diferentes relações e práticas sociais construídas por essa pessoa deficiente.

Evento 2

PE: E pra você seu Benedito, como foi quando veio à tona a deficiência do Michel, ele é o filho mais velho né?

BE: Na verdade pra mim eu acho que tratam como problema, pra mim não, eu trato como normal, por que de uma forma ou de outra é filho né, então não importa assim se tem problema se não, a gente vai tratar normal, eu não posso assim tá acompanhando né, por que às vezes até sábado eu trabalho, é mais dia de domingo mesmo, hoje era pra eu tá trabalhando, mas deu certo de encontrar aqui, mas eu trato meu filho com uma pessoa normal ele vai ser amado da mesma forma (BENEDITO, Seu, 2016).

Neste segundo evento temos a concepção que seu Benedito tem acerca da condição de deficiência de Michel. Sua concepção é de que ser deficiente é ser

“normal”. Outras pessoas tratam seu filho como “problema”, mas ele o trata como “normal”.

Há duas possibilidades de interpretação desse discurso do seu Michel.

Uma primeira interpretação é que a anormalidade é uma lesão que precisa ser corrigida, curada. O corpo anormal precisa ser reabilitado em uma clínica, portanto é tratado como paciente, que precisa ser curado, portanto tem um problema. O objetivo do tratamento, a cura é a normalização desse indivíduo. Portanto, quando se utiliza o termo normal, sugere-se que o indivíduo foi curado da lesão.

Nessa interpretação, o uso corrente do termo “normal” tem um sentido eufemístico de suposta aceitação, uma vez que mascara a normalidade, curando a deficiência, padronizando o sujeito, por isso que o responsável por Michel diz que ele, seu filho, é “normal”.

Uma segunda possível interpretação é que o Seu Michel não considera seu filho como monstro, com um ser a ser corrigido, curado, ele o considera como ele é, e chama isso de “normal”, contradizendo a ideologia dominante de normalidade. Neste sentido, seu Benedito o aceita como ele é, não precisa ter rendimento intelectual, físico e comportamental dentro do considerado “normal”. Nesse caso o termo tem uma conotação de aceitação incondicional. Normal significaria “como ele é”.

Enquanto os “outros” atribuem características negativas a deficiência, como problema, incapacidade, feiura, pesadelo, castigo divino etc. o pai de Michel atribui como “normal”.

Parece ser este o caso. Vamos admitir esta interpretação em função do pai reconhecer a existência de discriminação, ele não discrimina.

Fazem parte desta cena o seu Benedito e seu filho Michel. Não consideraremos os outros sujeitos referidos por seu Benedito que são criticados por discriminarem seu filho..

Assim como no evento 1, a valoração de tratamento atribuída a pessoa deficiente sugere o reconhecimento, a aceitação da deficiência, não tendo a intenção de normalizar.

Como aspecto teórico que provoca a diferença, a discriminação e a própria visão de inclusão. Os deficientes são marcados pela normalização estabelecida em seus corpos. O que predomina na sociedade, nos séculos XX e XXI, são os padrões de normalidade, o estabelecimento de medidas, de controle e de vigilâncias (BENTES; SILVA; HAYASHI; 2016, p.42).

Consequente a estas questões podemos compreender que as atribuições feitas por seu Benedito, diz respeito a uma concepção contrária ao que predomina na sociedade, pois o mesmo realiza uma valoração de aceitação de seu filho como ele é.

Dito isto e considerando as análises dos discursos, cabe incluir este evento na categoria “alteridade”, em função do sentido de aceitação relatado pelo entrevistado. A opressão relatada é criticada e é oriunda das demais pessoas de convivência de Michel, que tratam a deficiência como um problema, e o pai não mascara, reconhece sua existência e a critica.

A partir das informações apresentamos o quadro de sumarização do evento 2.

Quadro 5 - Sumarização do evento 2 “eu trato ele como normal”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Pai X Michel	eu trato como normal	Oralidade e pessoa com deficiência	Alteridade

Fonte:elaboração própria, 2017

4.2.3 Evento 3: “Ele ainda é um bebê”

Há no senso comum a ideia de que pessoas com deficiência não desenvolvem interesses para com a sexualidade. Os discursos estereotipados sobre a sexualidade das pessoas com deficiência impedem que vivenciem seus desejos e sejam protagonistas de suas escolhas.

O evento três trata e do posicionamento da mãe para com a sexualidade do filho com deficiência intelectual. O evento 3 é o seguinte:

Evento 3

PE: Nenhuma relação ainda? Relacionado à sexualidade? Já despertou interesse para esta situação?

SA: Ele ainda é um bebê é uma criança ainda, não tem que pensar nada disso, ele ainda é um bebê, só estudar mesmo (SANDRA, Dona, 2016)

Neste evento temos como participantes a mãe, Dona Sandra, e seu filho Michel, de 13 anos.

A percepção que a mãe tem de seu filho é de que é um “bebê”, que tem uma essência de inocência de que não pensa sobre e não pratica nenhuma atividade sexual. Essa percepção é em decorrência da crença em uma suposta imaturidade

que nunca é alcançada por parte das pessoas com deficiência intelectual, que é permanentemente atribuído a sua condição. Essa percepção se resume ao discurso “Ele ainda é um bebê é uma criança ainda”.

A falta de informação pode ser a causa dessa sua representação ideológica de que seu filho é um “bebê”. Uma informação que contraste a essa sua de que seu filho “ainda é um bebê” poderia vir da escola. Ferreira (2008) argumenta acerca da importância do papel da educação no esclarecimento das questões de gênero e sexualidade das pessoas com deficiência. Para a autora, abrir este diálogo significa diminuir as chances de vulnerabilidade e abuso sexual que estas pessoas estão propícias a sofrer.

O processo de empoderamento poderia contribuir para romper com as representações negativas a esse respeito. Silva (2009) argumenta que o empoderamento é oposto à vulnerabilidade, ou seja, quanto mais empoderada está uma pessoa, menos vulnerável ela estará.

Nessa cena a mãe utiliza-se de uma representação, ou seja, um discurso que circula na sociedade que tem como função justificar suas atitudes. Suas atitudes são de não aceitar o filho como ele é, de não aceitar a possibilidade do filho se masturbar, de ter uma namorada, de casar. É um discurso que oprime qualquer possibilidade de assumir uma identidade de sujeito com treze anos, uma vez que para Dona Silva, Michel é “um bebê”.

Agrupamos esse discurso da Mãe de Michel na categoria de “opressão sexual” Isso porque, a representação da mãe sobre a sexualidade do filho é de ausência. Na sua visão a sexualidade está confinada aos adultos, aos não-deficientes.

Assim, seu filho não possui sexualidade, não sabe nada de sexo, não sente prazer sexual, não vai ter vínculo e relacionamento algum afetivo, não tem capacidade de procriação.

O quadro 6 sumariza essas informações.

Quadro 6 Sumarização do evento 3 “Ele ainda é um bebê”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Mãe X Michel	“ele ainda é um bebê”	Oralidade e pessoa com deficiência	Opressão sexual

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.4 Evento 4: “Anderson é assim, mesmo que ele não queira”

Há uma relação de comunidade entre os moradores do bairro e a Escola “Colônia do Fidélis”, uma vez que se estabelecem constantes troca de informações, favores, orientações. A escola serve como ponto de referência para o bairro não somente no sentido da oferta do ensino, mas também no que se refere à utilização do espaço físico para a realização de outras atividades, além da constante procura dos moradores para a orientação dos mais diversos assuntos como relata Dona Sílvia.

Evento 4

SI: É... porque o, o, o... o primeiro... como é o nome dele? [...] O diretor, aquele Seu Jaderson, aquele branco... me esqueço o nome dele... brincava muito com ele... ele dizia pra mim: Dona Sílvia, a gente... vai ver o que a gente pode fazer pelo Anderson, o Anderson é assim, mesmo que ele não queira, não se preocupe. A gente vai fazer (pra ver) se dá um encaminhamento, pra ver se ele... sabe? (SILVA, Dona, 2016)

Dona Silvia se remetia as orientações da escola por acreditar no espaço como possibilidade de resolução de problemáticas como na busca por encaminhamentos médicos para Anderson e para o recebimento de pensão – o BPC –, do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). Mesmo com pouca escolarização a entrevistada reconhece e busca a garantia de direitos. Neste sentido embora o letramento tenha ficado arraigado às noções educacionais segundo Street (2014), analisamos a habilidade letrada da genitora do pesquisado, fator que contribui na desmistificação e afastamento do conceito de letramento ligado exclusivamente à escolarização.

A referência da escola em prestar estas informações, assim como da figura do diretor mostram a proximidade com o ambiente escolar que transcende a necessidade da oferta do ensino, mas perpassa a outros assuntos que fazem referência a orientação de auxílio médico e social.

Neste evento temos a participação de Dona Sílvia, de Anderson e do diretor escolar, o Sr. Jaderson.

A reprodução do discurso do diretor Jaderson por meio de Dona Sílvia favorece a alteridade, no aspecto de compreensão das diferenças de Anderson por conta da deficiência.

Landowski (2002) argumenta que a alteridade só existe na relação entre um “eu” e um “outro” e pressupõe que um grupo de referência investirá sobre uma pessoa ou um grupo minoritário, neste caso o “outro” – Anderson –, um conteúdo

semântico. Assim compreendemos para que haja alteridade é necessário existir a diferença. Nesta situação o juízo de valor deixa clara a diferença de Anderson e permite que o mesmo seja aceito conforme é.

Com base nas falas apresentadas agrupamos este evento na categoria alteridade.

O quadro sumariza estas informações.

Quadro 7 - Sumarização do evento 4 Anderson é assim, mesmo que ele não queira”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Diretor X Anderson	Anderson é assim, mesmo que ele não queira não se preocupe	Oralidade e Pessoa com deficiência	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.5 Evento 5: “tem que estudar pra ser alguma coisa”

Acerca da oferta da necessidade do ensino Anderson emite valoração sobre a importância da escolarização.

Evento 5

PE: Mas tu achas que é importante estudar? Por que é importante estudar?
 AN: Por que sim né, pra quando eu crescer ter alguma coisa né?
 PE: Então pra ti, estudar é pra quando tu crescer ter alguma coisa, mas tu acha que não tem nada agora? Tu achas que só vai ter se estudar?
 AN: Tenho nada, tem que aprender a ler, tem que estudar pra ser alguma coisa, advogado, polícia empresário. (ANDERSON, 2016).

As concepções aqui abordadas por Anderson fazem referência à ideia de letramento autônomo como aborda Street (2014), no sentido de compreender a relação entre o patamar ideal de letramento e o conseqüente avanço econômico, progressão social, industrialização, para que as pessoas possam usufruir dos benefícios da modernização. Desta forma, os grupos sociais considerados “iletrados” terão mais desvantagens ou ficarão “atrasados” e não conquistarão mobilidade social, igualdade econômica e política para a participação na ordem social.

A fala de Anderson faz referência ao letramento autônomo no sentido de que somente “pra ser alguma coisa [na vida]” por meio dos “estudos”. Há no senso comum a ideia fixa de que o nível de letramento é o único meio de conquistas, em geral associados à concepção de civilidade, progressão econômica. É difícil se

desvencilhar destes conceitos, haja vista que historicamente as práticas letradas aparecem vinculadas as instituições de ensino.

Para Kleiman (1995) as práticas de escrita sofrem implicações diretas nas relações de poder e de identidade. Relacionamos a concepção de Anderson ao fato de que o nível de letramento está entrelaçado com a obtenção de “poder”, “*status social*”, evidenciando assim a importância das práticas de letramento escolar. Essas concepções de letramento autônomo podem ser percebidas no discurso de Anderson ao ser questionado sobre a importância da escolarização.

As falas pressupõem a necessidade de decodificação dos signos linguísticos, de modo a adaptar-se a um único tipo de letramento, o autônomo, com a visível supremacia da tradição escrita em relação à oral. Nesta situação podemos compreender o letramento como sinônimo de alfabetização e o consequente sucesso profissional.

Para Tfouni (2010) nas sociedades industriais modernas ocorre o desenvolvimento científico tecnológico, tal perspectiva de desenvolvimento considera o letramento de um modo singular. Letramento este que está intimamente relacionado aos grupos dominantes que enaltecem o conhecimento ligado nos campos: científico, escolar, acadêmico como única fonte de saber. A absorção deste conceito pelas camadas populares ocasiona uma espécie de alienação cultural e a consequente disseminação das ideologias que tem o objetivo de ocultar as contradições sociais e as relações de opressão.

Cabe analisar na fala do entrevistado sobre a importância da escolarização o conceito de poder ligadas a mobilidade social e aquisição da leitura e escrita, pois o mesmo informa que necessita destas habilidades para quando “crescer” poder ter alguma coisa. O crescimento do qual o pesquisado fala pode ser compreendido com a aquisição de estabilidade financeira, haja vista que o mesmo possui 16 anos de idade.

Diante das análises categorizamos este evento em opressão por preconceito. O quadro 8 sumariza estas informações.

Quadro 8 - Sumarização do evento “tem que estudar pra ser alguma coisa”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Anderson X Escolarização	pra gente ser alguma coisa na vida, hoje em dia a gente tem que estudar pra quando eu crescer ter alguma coisa NE	Letramento Autônomo	Opressão por preconceito

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.6 Evento 6: “se não estudar vou ser moleque de rua”

As valorações de leitura e escrita e a consequente ascensão social podem ser percebidas também nos discursos de Michel.

Evento 6

PE: Michel você aqui na escola tá no quinto ano não é? Você acha importante estudar? Por que você acha que é importante?

MI: não sei, por que se não estudar vou ser moleque de rua ou ladrão.

PE: E você quer estudar para ser o que? Por que você precisa estudar?

MI: Pra eu poder entrar na academia pra ser policial (MICHEL, 2016).

No evento 6 temos a presença do sujeito Michel. Neste evento analisamos que em consequência de se considerar apenas um tipo de letramento, o entrevistado acaba por abrir mão do próprio conhecimento, da sua cultura, história, em detrimento de relações assimétricas de dominação, ligadas a promessa de que só com a aquisição da escrita e possível adquirir poder e dinheiro. As perspectivas giram em torno da aquisição da leitura, escrita e formação acadêmica em nível superior. Os saberes produzidos na localidade não são evidenciados na fala do entrevistado como alternativa profissional e/ou ocupação.

Para Street (2014), se atribui ao letramento consequências das condições sociais, por esse motivo, é difícil fixar um único objetivo para uma habilidade amplamente representada como sendo a chave para o progresso social e individual.

Considerando os aspectos atuais é necessário perceber que o letramento por si só não promove avanço cognitivo, mobilidade social ou o progresso econômico, uma vez que as práticas de letramento são específicas ao contexto político e ideológico e suas consequências variam de acordo com a situação. Deduzimos que a intenção de Michel é adquirir habilidades de leitura e de escrita e esta é a “chave” da ascensão econômica e social. Sendo assim, consideramos esse discurso próximo ao do letramento autônomo: agrupamos este evento na categoria opressão por preconceito, em virtude de desconsiderar a diversidade de letramentos.

Dito isto apresentamos a sumarização do evento 6

Quadro 9 -Sumarização do evento “se não estudar vou ser moleque de rua”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Michel X Escolarização	por que se não estudar vou ser moleque de rua, ou ladrão	Letramento Autônomo	Opressão por preconceito

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.7 Evento 7: “Michel ainda vai dar um exemplo muito grande”

Começamos mostrando as imagens coladas na parede do quarto de Michel.

Figura 14 – Desenhos exposto no quarto de Michel



Fonte: arquivo pessoal – outubro de 2016

Na imagem temos dois desenhos produzidos por Michel, ambos são de personagens de desenho animado japonês chamado *Dragon Ball*. Estes desenhos estão colados sob a parede do seu quarto que tem a cor verde. Entre os desenhos tem uma tomada e ao redor outras imagens que parecem ter sido recortadas de encartes de revistas.

Passemos a evento 7, que junto com as imagens da parede do seu quarto compõem o cenário discursivo.

Evento 7

BE: muitas pessoas dizem que o Michel não vai aprender por isso por aquilo... ai a gente ai vai ver lá na frente, o Michel ainda vai dar um exemplo muito grande lá na frente, eu falo sempre isso, por que eu sei que meu filho tem inteligência, ainda que tenha dificuldade tem muitas coisas que ele faz, que até uma que é letrada não faz.

[...]

BE: por exemplo tem desenhos que ele te olha e começa a te desenhar todinho, tem pessoas que tem inteligência mas não tem capacidade de fazer, por exemplo celular, ele não sabe ler, mas mexe no celular como ninguém, eu que mesmo tem coisa que ele faz eu não faço, então muitas coisas que a gente acha que é sábio a gente não sabe mas ele sabe (BENEDITO, 2016).

Participam deste evento 7 Seu Benedito e Michel.

As ponderações realizadas pelo Seu Benedito suscitam a ideia de valorizar os saberes e a forma de acesso ao conhecimento constituído pelo seu filho Michel. Street (2014, p 8) estabelece a relação de poder existente. Para esse autor a ideologia é “o local de tensão entre a autoridade e o poder, de um lado, e a resistência e a criatividade, do outro”. Há no modelo ideológico a conexão entre as culturas e as práticas letradas. Modelo que sugere a existências de outros letramentos, considerando a diversidade.

Essa valorização nos remete a compreensão do modelo ideológico de letramento, pois considera o conhecimento produzido a partir do contexto social. Estas perspectivas possibilitam a análise de letramentos praticados e vivenciados por diferentes pessoas. Objetivamos com estas ponderações enaltecer as competências comunicativas e as formas de letramentos pré-existentes como relata Seu Benedito.

A compreensão de que podemos nos utilizar de outros mecanismos para nos expressarmos aproxima o seu relato às concepções de letramento ideológico, esta concepção se justifica ao conceber a ideia de valorização da cultura local, pois se considera o processo e sua dinamicidade e as interações inclusive com as culturas dominantes.

É necessário analisar a partir da concepção da existência de outros letramentos, a fim de que possam ser reconhecidos e possibilitar que tais letramentos façam parte do cotidiano das instituições de ensino. Pois para Street (2014), “letramentos não escolares passaram a ser vistos como tentativas inferiores de alcançar a coisa verdadeira, tentativas compensadas pela escolarização intensificada” (STREET, 2014, p. 121).

Em função das concepções de Street (2014) acerca de considerar os diversos letramentos que são produzidos faz-se necessário analisar os diferentes contextos sociais frequentados pelos sujeitos, pois estes espaços dialogam com os sujeitos e contribuem para a formação de práticas e eventos de letramentos.

A análise da entrevista de Seu Benedito possibilita agrupar na categoria de alteridade, pois há o reconhecimento de outros tipos de letramentos, neste caso o desenho, e a compreensão da diferença, haja vista que podemos deduzir que o pai sugere a presença de múltiplas inteligências que possibilitam a aquisição de outras habilidades que não necessariamente precisam estar ligadas com a leitura e a escrita.

Dito isto apresentamos a sumarização do evento 7

Quadro 10 -Sumarização da evento “Michel ainda vai dar um exemplo muito grande”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Pai X Michel	tem desenhos que ele te olha e começa a te desenhar todinho por que eu sei que meu filho tem inteligência, ainda que tenha dificuldade.	Multiletramento Letramento Ideológico	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.8 Evento 8: “Eu olho a capa do *play* e vou desenhando”

Segundo Michel, a imagem 8 faz referência ao desenho “*Dragon Ball Z*”, e o personagem que ilustra a capa do CD se chama *GoKu*.

Dragon Ball Z é uma série televisa de *animes* japoneses com episódios de suspense e drama.

Dragon Ball segundo a Wikipédia surgiu como mangá no ano de 1988 e foi publicado até 1995, escrita por Akira Toriyama, em 42 volumes, totalizando 519 capítulos. Estreou no Japão como desenho animado ou anime em 1989 – até o ano de 1996. *Dragon Ball Z* é a continuação do *Dragon Ball*, ou seja, os volumes 17 ao 42 do mangá.

Segundo a Wikipedia:

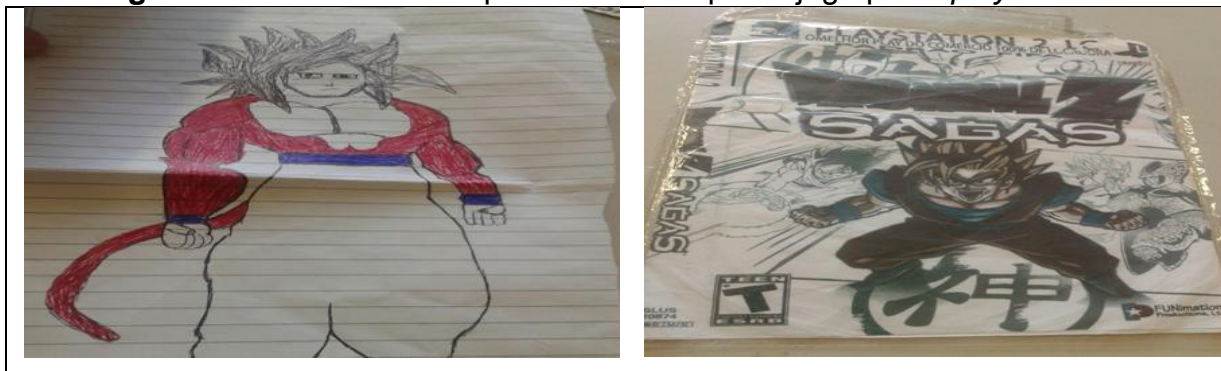
A série segue as aventuras do protagonista, Son Goku, desde sua infância até a idade adulta enquanto ele treina artes marciais e explora o mundo em busca dos sete orbes conhecidas como as Esferas do Dragão, que chamam um dragão de desejo-concessão quando recolhidas. Ao longo de sua jornada, Goku faz vários amigos e batalha uma grande variedade de vilões, muitos dos quais também procuram as Esferas do Dragão (DRAGON. WIKIPEDIA, 2017, p. 1.)

Apareceu na TV aberta brasileira em 1996, na emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em 1999 estreia em um canal fechado – Cartoon Network – e em na Televisão abera – a Bandeirante (BAND) – em 2000 aparece o filme *Dragon Ball*

Z. e em 2001 estreia na Rede Globo de Televisão, tornando-se um dos desenhos animados mais conhecidos pelo público infanto-juvenil.

As imagens obtidas com Michel foram as seguintes:

Figura 15 – Desenho feito por Michel e Capa de jogo para “*play station*”



Fonte: arquivo pessoal – outubro de 2016

Da entrevista a respeito dessas imagens surgiu o episódio 8.

Evento 8

PE: Como tu consegue fazer esses desenhos?

MI: Eu olho a capa do *play* e vou desenhando

PE: Mas tu copia, coloca o desenho por baixo?

MI: Não, só olho mesmo

[...]

MI: Não sei ler, mas acho que é chinês.

PE: Por que tu acha que é chinês

MI: Por que sim (MICHEL, 2016)

Neste evento obtivemos duas imagens com Michel, que foram colocadas uma ao lado da outra. A primeira, à esquerda, é a representação do personagem GOKU com uma camisa de manga longa na cor vermelha; nos punhos e na cintura apresentam a cor azul, cabelos compridos na cor preta. O desenho foi feito por Michel em uma página de papel de caderno, portanto as pautas estão aparentes.

Ao lado direito temos a imagem da capa do jogo *Dragon Ball Z* para *Play Station*, com a ilustração do personagem GOKU como se estivesse sobrevoando ao lado de outro personagem do desenho em fundo branco. Acima da capa algumas palavras em inglês, ao centro os dizeres “O melhor *play* do comércio 100% de locadora”. Abaixo dois símbolos de língua oriental e na esquerda, palavras em inglês.

Neste evento temos como participantes: Michel e o desenho, Michel e a escrita.

As valorações neste evento emitem relação com a habilidade do pesquisado em desenhar “eu olho a capa do *play* e vou desenhando”. Na imagem seguinte as representações estão direcionadas sobre o significado e a origem da escrita na capa do jogo.

Apesar de não ser alfabetizado, Michel utiliza outros mecanismos para compreender o contexto letrado e abre discussões acerca de um dos mitos do letramento que atribuem àqueles que não dominam o código escrito sejam incapazes de raciocinar logicamente e de inferir significados a informações (CUNHA, 2014) No entanto contrariando este mito, Michel, pessoa com deficiência intelectual, realiza inferências, atribui significados e deduções as imagens.

Toda a conjuntura que perpassa entre o oral, a produção de desenhos, o uso de tecnologias como *play station* contribuem de forma significativa para construção de multiletramentos.

A prática do desenho e as suposições que Michel faz sobre o símbolo linguístico sugerem respectivamente a presença de multiletramentos e letramento ideológico. O desenho representado por Michel sugere a importância de se considerar estas habilidades como suporte nos estudos de letramentos, haja vista a possibilidade em enaltecer aspectos pertinentes ao contexto social do pesquisado, bem como em se considerar as inferências feitas por ele. Logo, o letramento pode ser considerado como um conjunto de práticas sociais nas quais significados e sentidos de certos conteúdos codificados culturalmente são gerados, disputados, negociados e transformados (BUZATO, 2010)

Para Kleiman (1995), o letramento surge para explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades e não somente nas escolares. Logo, partindo desse pressuposto as representações comunicativas, em desenhos devem fazer parte das práticas de letramentos, pois representam um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e escrita não apenas em contextos formais.

Street (2014) sugere que os letramentos locais são demasiadamente substanciais para serem apenas “acomodados” em um modelo único - o modelo autônomo – diferentemente da perspectiva ideológica que analisa o poder que as interações social e cultural possuem de produzir letramentos, esta conceitualização permite considerar como mostra a imagem 7, a habilidade em desenho de Michel como práticas de letramentos.

Agrupamos este evento na categoria alteridade, em virtude de considerar o desenho como letramento e a opinião sobre símbolo gráfico.

Dito isto, apresentamos o quadro que sumariza estas análises.

Quadro 11 -Sumarização do evento “Eu olho a capa do play e vou desenhando”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Michel X desenho de anime (GOKU). Michel X escrita	Eu olho a capa do <i>play</i> e vou desenhando Não sei ler, mas acho que é chinês.	Multiletramento Letramento Ideológico	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.9 Evento 9: “meu filho tá uma benção”

Anderson e sua família são membros de uma igreja neopentecostal, do qual frequentam regularmente, participando de cultos e atividades como: o estudo bíblico; palestras e o culto com os demais membros. Diariamente alguns minutos do dia são dedicados à oração e louvor como relata Dona Sílvia

Evento 9

Olha tem dia que ele tá uma benção eu quero que o senhor veja, uma benção. Aí eu, eu digo, até às vezes eu falo pra ele... eras o Anderson tá... oh meu pai... graças a Deus. Eu boto a mãozinha pra cima e digo: não... eu digo: oh meu pai, meu filho tá uma benção... Aí eu digo para o marido: oh meu pai, tá dando tudo certo. Oh meu pai aí começa. Aí ele fica zangado, quando eu fico quase meia hora orando.

Mas eu tô orando a favor... de nós né? Porque quando eu tô orando, como eu digo pra ele... que não é o certo a gente falar, mas eu vou lhe falar... eu não oro só por mim, eu oro pelo meu irmão, pelo meu vizinho, pelos meus colegas, pelo... até pelo bandido eu oro, sabe... como é? (SÍLVIA, 2016)

Temos como participantes deste evento Dona Silvia e o sujeito Anderson.

Entendemos que nesse evento a prática da oração deve ser considerada como um mecanismo importante de estudos sobre letramentos, haja vista que antes mesmo da decodificação de símbolos gráficos, os sujeitos conhecem e mantêm contato com diferentes gêneros escritos. Estas concepções nos permitem compartilhar dos preceitos de estudos etnográficos como os de Scribner e Cole (1989) ao evidenciarem que membros de sociedades com pouco ou nenhum letramento podem, não obstante, desempenhar os complexos processos cognitivos, atingir consciência metalinguística e realizar operações lógicas.

Dona Silvia em seu relato do cotidiano informa prática comum a oração, relacionada à igreja que frequenta. Dessa maneira durante a oração, a mesma emite valoração sobre o filho ao afirmar que Anderson está uma “benção”. Essa conotação tem sentido de abençoá-lo para alcançar um desejo ou por estar com saúde, tem conotação positiva, mas neste contexto pode ser compreendido como inquieto, agitado, nervoso. Portanto definimos este evento como letramento e oralidade.

Neste sentido, não exemplificamos estas ações como sendo de oralidade “pura” e/ou “puro” letramento, mas na relação destes fenômenos para a constituição das práticas de letramentos.

Nas análises, categorizamos este evento em alteridade por Dona Silvia expor o comportamento do filho em momento de oração.

Apresentamos no quadro a sumarização do evento 9

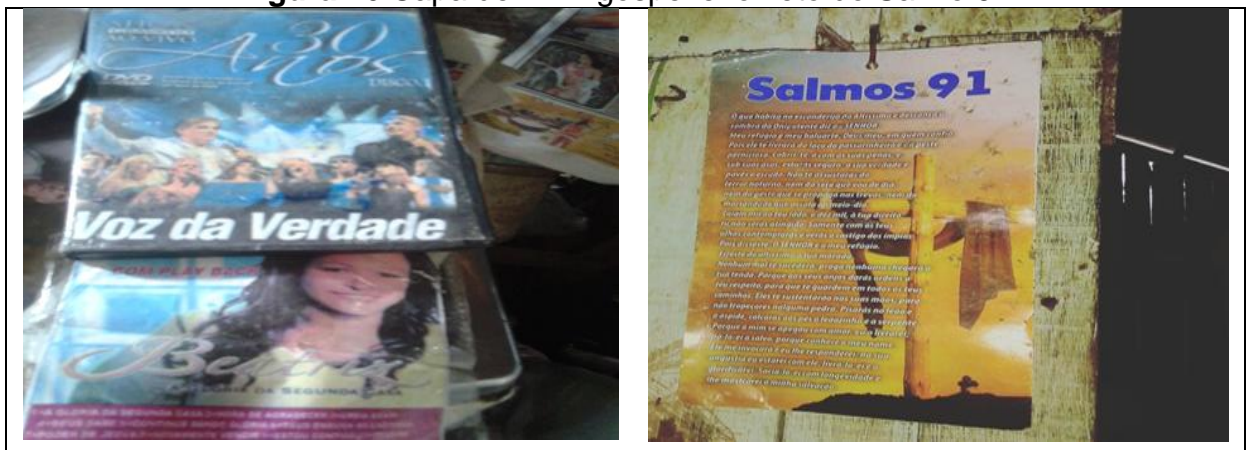
Quadro 12 -Sumarização do evento “meu filho tá uma benção”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Mãe X Anderson	Eu boto a mãozinha pra cima e digo: não... eu digo: oh meu pai, meu filho tá uma benção	Letramento e Oralização	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

4.2.10 Evento 10: “Aqui tem a palavra de Deus”

Figura 16 Capa de DVD gospel e folheto do Salmo 91



Fonte: Arquivo Pessoal setembro de 2016

Evento 10

PE: E qual é... Anderson, tu sabes quais são os teus cantores evangélicos assim que tu gosta mais, tem alguém que tu prefere? Ou não só ouve mesmo?

AN: Eu gosto da Bruna Karla [...] canto muito lá em casa [...] Bruna Karla, Cassiane... é a... qual mesmo? Rose Nascimento... um bocado de cantores que eu gosto [...] Rose Nascimento, a mãe tem o CD dela [...]
 AN: Aqui tem a palavra de Deus.
 PE: Como tu sabe que aqui é a palavra de Deus? Tu sabes ler?
 AN: Ora! por que tem a cruz e o numero. (ANDERSON, 2016).

Neste evento apresentamos duas imagens colocadas uma ao lado da outra. Na primeira, do lado esquerdo, temos a imagem de capas de CD do gênero gospel como da banda “voz da verdade” e da cantora Beatriz. Do lado direito temos a imagem de um folheto de texto bíblico “salmo 91” sobre uma parede de madeira pintada de branco, mas já desgastada pelo tempo. O folheto apresenta o texto bíblico com a ilustração de uma cruz e um pano por cima.

Os participantes deste evento Anderson e a leitura, na leitura das imagens e grafemas do Cd.

A partir da contextualização da entrevista de Anderson e considerando a perspectiva social de letramento, podemos considerá-lo como habilidoso, com capacidade de reflexão, de memória, de guardar e expressão de informações, haja vista a relação que estabelece com o meio letrado e com as diversas situações em que vive.

Afirmamos isso em função do fato que o mesmo interage entre práticas orais, visuais e escritas. Há compreensão, há respostas, há criatividade, e não mera reprodução mecânica das informações e das ações.

Há nesta discussão a necessidade de se considerar a diversidade dos contextos vivenciados que favorecem a construção de novas perspectivas, de novos letramentos a fim de que possam usufruir dos canais de comunicação e tecnologia que lhe estão disponíveis.

Anderson demonstra interesse pelas músicas que fazem parte do cotidiano religioso e as reproduz utilizando mecanismos de memorização. Durante entrevista o mesmo informou ter interesse em se tornar futuramente cantor gospel. Os meios de acesso às músicas variam entre a compra de CD, DVD ou o uso do celular para arquivar as canções.

Diante deste contato que Anderson possui com a música compartilhamos da concepção de Magalhães (2012) ao atribuir o conceito de multiletramentos as práticas sociais que são desenvolvidas. Dessa maneira o foco da compreensão não estaria apenas no uso do texto escrito, mas na atribuição de significados que as

diversas semioses possibilitam, principalmente as visuais, auditivas e orais na constituição das práticas sociais as quais Anderson está envolvido.

Anderson informa seus cantores favoritos “Canto muito lá em casa [...] Bruna Karla, Cassiane” e possibilita a compreensão do processo do modelo ideológico ao considerar outras perspectivas, valorações que não necessariamente estejam ligadas com o saber escolar.

A identificação do(s) CD e DVD se dá em função do reconhecimento das imagens, do(s) cantor(es) que aparecem nas capas. Os mecanismos de reconhecimento e identificação que os sujeitos desta pesquisa utilizam desmistificam o conceito de que apenas são letrados os que adquirem habilidades de leitura e escrita.

Dessa forma categorizamos este evento em alteridade, por conta do caráter de aceitação dos multiletramentos produzidos por Anderson e pela disposição em considerar as possibilidades de outros letramentos.

Apresentamos agora o quadro de sumarização do evento 10

Quadro 13 - Sumarização da cena “Aqui tem a palavra de Deus”

Participante	Valoração	Tipo	Categoria
Anderson X Leitura (musical e textual)	Canto muito lá em casa [...] Bruna Karla, Cassiane. Aqui tem a palavra de Deus	Multiletramento Letramento Ideológico	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

4.3 SUMARIZAÇÃO DAS CENAS

Para Magalhães (2012) os Novos Estudos do Letramento têm feitos intervenções a fim de desafiar a grande divisão, pois defendem uma mudança dos modelos autônomos para os ideológicos, superando as meras apresentações estatísticas de níveis e habilidades para uma visão mais etnográfica do letramento, e dessa forma contextualizando os processos de hegemonia no letramento, as relações de poder e os discursos e práticas em competição.

As práticas sociais constituídas por pessoas com deficiência da comunidade do Fidélis se entrecruzam com os letramentos produzidos, de modo que a autoconsciência linguística e política se materializam através do discurso e da oratória em que os sujeitos pesquisados exprimem.

Neste processo compreendemos que o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita, de modo a abarcar os usos e práticas sociais da linguagem. É considerando estes aspectos que analisamos as formas de expressão por meio da música, desenho e oração como pertinentes para a elaboração de estudos de letramentos.

Por meio da descrição das práticas de letramentos e do contexto social e cultural no qual estão inseridos os sujeitos pesquisados, buscamos apresentar as concepções que permeiam o fenômeno. As práticas de letramento evidenciaram o fenômeno em diferentes situações do cotidiano com o objetivo de dialogar com a esfera da realidade dos sujeitos

Dessa maneira constatamos que muitos processos de ensino, de aprendizagens não foram oferecidos às pessoas com deficiência e isso ao longo dos anos ocasionou impedimento na participação do processo de escolarização e/ou tiveram suas vidas reduzidas ao rótulo de ser deficiente, de ser incapaz, impedindo-os que se desenvolvessem mais, interagissem mais, se letrassem mais.

Cabe ressaltar que juntamente com as pessoas com deficiência, algumas facetas do cotidiano familiar, do bairro, da escola também contribuíram e foram alvo de análises, a fim de que pudessem compor a contextualização desta dissertação.

Contudo, há de se considerar questões pertinentes aos letramentos que são constituídos na Colônia do Fidélis que diante destes pressupostos tem a possibilidade de serem analisados e viabilizados como outros letramentos que podem e devem ser estudados.

Dito isto, apresentamos o quadro 14 com os eventos analisados, dos discursos e das categorizações extraídas das cenas.

Quadro 14 –Agrupamento dos eventos, dos discursos e categorias

EVENTOS	PARTICIPANTES	DISCURSOS	CATEGORIAS
Evento 1 o bullying sofrido por Anderson	“Eles” (primos, vizinhos) X Anderson	Normalização	Opressão por preconceito e Opressão sexual
Evento 2 “Eu trato ele como normal”	Pai X Michel	Disnormalização	Alteridade
Evento 3 “Ele ainda é um bebê”	Mãe (Sandra) X Michel	Infantilização	Opressão sexual
Evento 4 Anderson é assim, mesmo que ele não queira	Diretor X Anderson	Disnormalização	Alteridade
Evento 5 “tem que estudar pra ser alguma coisa”	Anderson X Escolarização	Normalização	Opressão por preconceito
Evento 6 “se não estudar vou ser moleque de rua”	Michel X Escolarização	Normalização	Opressão por preconceito
Evento 7 “Michel ainda vai dar um exemplo muito grande”	Pai X Michel	Disnormalização	Alteridade
Evento 8: “Eu olho a capa do play e vou desenhando”	Anderson X desenho de anime (GOKU).	Disnormalização	Alteridade
Evento 9: “meu filho tá uma benção”	Mãe X Anderson	Disnormalização	Alteridade
Evento 10: “Aqui tem a palavra de Deus”	Anderson X Cantoras	Disnormalização	Alteridade

Fonte: elaboração própria, 2017

As conceitualizações elaboradas entre os sujeitos deficientes, familiares e demais grupos que compuseram esta análise nos permitiram constatar a predominância de discursos disnormalizadores totalizando seis ocorrências.

Este neologismo “disnormalizador” foi utilizado por melhor sintetizar o combate à teoria da normalidade, de modo que os discursos elaborados suscitem a reflexão da alteridade constituída acerca das diferenças dos sujeitos deficientes.

Por conseguinte, temos a presença de três discursos normalizadores, pois apesar da compreensão e respeito à diversidade, as falas excludentes e preconceituosas puderam ser analisadas nesta pesquisa. Os sentidos normalizadores obtiveram variações no que diz respeito à sexualidade, comportamento e aprendizado, estes sentidos aparecem intimamente ligados à condição de deficiência dos participantes.

Por fim, obtivemos um discurso considerado de infantilização. Este discurso é composto do sentido de opressão sexual, haja vista o caráter de não aceitar a possibilidade de relação sexual em um dos sujeitos pesquisados. Dessa maneira compreendemos que no discurso pessoas deficientes são consideradas assexuadas ou não possuem capacidade de manter relacionamentos, mantém-se um caráter infantil a fim de não permitir que o sujeito deficiente possa a vir a ter relação sexual.

Com relação à categorização, obtivemos seis ocorrências de eventos que suscitam a perspectiva da alteridade. Logo a percepção do outro enquanto sujeito que apresenta características únicas e diferenças puderam ser analisadas nas entrevistas.

Em três eventos obtivemos a categoria opressão por preconceito, pois as análises permitem compreender a relação do sujeito deficiente com as práticas de letramentos. Assim, nestes eventos foi considerado apenas um tipo de letramento (autônomo), em geral ligado com o processo de escolarização, desconsiderando e/ou invisibilizando as demais possibilidades de letramentos constituídas pelos sujeitos deficientes.

Em dois eventos foram registrados a categoria opressão por preconceito sexual. Acreditamos que apesar dos preceitos de alteridade, algumas questões permanecem incrustadas na cultura local como a ideia que o sujeito com deficiência é assexuado. Tais concepções incapacitantes criam barreiras para o pleno desenvolvimento da pessoa com deficiência, limitando-o na constituição de relacionamentos.

Destacamos agora os resultados sobre os tipos de letramentos. Com base nas análises dos resultados constatamos que dentre os eventos houve a ocorrência de Letramento Autônomo, Letramento Ideológico, Multiletramentos, Oralidade e Pessoa com deficiência.

Nessa perspectiva salientamos que não queremos definir ou formalizar um único letramento, por isso compartilhamos dos pressupostos de Tfouni (2010) ao afirmar que o letramento não deve estar apenas ligado a aquisição da leitura e escrita, mas também para preocupações políticas e sociais de inclusão e justiça, principalmente por meio de mecanismos educacionais.

Dessa forma houve a predominância de eventos que envolvessem a concepção oralidade e pessoa com deficiência, pois há no senso comum o conceito

excludente ao sujeito deficiente que circula pelo meio social e se perpetua dentro da comunidade.

Com base na NLS e nas entrevistas dos pesquisados, houve prevalência de letramentos ideológicos, com três ocorrências. Dessa maneira, compreendemos que este processo apresenta um caráter de alteridade em enxergar e aceitar as diferenças como pertencentes a um determinado grupo e localidade.

Esse poder de compreensão das diferentes conexões, inteligências e saberes, possibilita a inserção de novas perspectivas quanto aos letramentos que são produzidos por pessoas com deficiência do bairro Colônia do Fidélis na Ilha de Caratateua em Belem/Pa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em compasso com as propostas iniciais desta pesquisa, faço as considerações e reflexões finais sobre o fenômeno que me propus a pesquisar.

O trabalho, aqui proposto, teve como objetivo principal investigar práticas de letramento de pessoas com deficiência, a partir da análise das diversas práticas sociais vivenciadas por dois sujeitos com deficiência, moradores do bairro “Colônia do Fidélis”, na ilha de Caratateua, distrito administrativo de Outeiro. Para tanto, entrevistamos também sete pessoas que fazem parte do contexto local e se relacionam com os sujeitos deficientes. A fim de atender as necessidades de pesquisa sobre as práticas socioculturais destes sujeitos foram incluídas também nesta relação de entrevistados as professoras do AEE.

Tendo em vista o contexto sociocultural no qual esses sujeitos estão inseridos buscamos compreender, por meio do desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa, os diferentes modos pelos quais essas pessoas se relacionam com a oralidade, a escrita, o visual, enfim com os multiletramentos.

No intuito de promover discussões que nos levem a conhecer melhor o letramento em contextos específicos nos quais o acesso e disponibilidade de pesquisas acadêmicas são restritos.

Para tanto, contextualizamos a constituição histórica do bairro “Colônia do Fidélis”, a formação dos moradores que vivenciam diariamente as dificuldades no processo de busca pelo seu reconhecimento como indivíduos que possuem identidade, e discutimos as perspectivas que subsidiam este trabalho – a abordagem discursiva e a perspectiva qualitativa, o NLS com especial atenção nos conceitos de eventos e práticas de letramentos e as concepções.

As entrevistas realizadas no bairro assinalaram que o fenômeno do letramento “extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições no mundo da escrita.” (KLEIMAN, 1995, p. 20). Dessa maneira, salientamos a presença de práticas de letramento e religiosidade – a oração, as músicas gospel – com a família, com a presença de mecanismos como *play station*, CD, DVD, desenhos, concepções de letramento (letramento autônomo e letramento ideológico), da família e de exclusão pela situação deficiência.

Todas estas ocorrências possibilitaram dimensionar o fenômeno em seu caráter sociocultural, pois consideramos a constituição das práticas de letramentos, os eventos e os usos no cotidiano.

Na teia dos diversos conceitos que apresentamos no decorrer da elaboração e conclusão deste estudo, que o fenômeno do letramento se aglutina com a diversidade cultural e social. Por isto, se justifica novos estudos neste campo de saber, a fim de possibilitar que os sistemas de ensino considerem a existências de outras concepções que estão interligadas com o cotidiano destes grupos sociais.

Assim defendemos que esta pesquisa se propõe perceber a constituição de novas perspectivas com base nos letramentos, pois consideramos relevante a elaboração de estudos que considerem esta visão sociocultural.

Não queremos com isso afirmar letramentos específicos a determinadas culturas, mas a necessidade de analisar as diversas facetas que constituem este círculo de informações que elaboram os letramentos.

Neste estudo, por meio da análise do contexto em que o fenômeno se insere percebemos a predominância de discursos sobre a pessoa com deficiência, logo a presença de traços excludentes e de alteridade foram perceptíveis. Esses fatores contribuem diretamente no modo com enxergamos o outro e na relação deste sujeito com as práticas de letramentos.

A relação que se estabelece com o outro incidem diretamente na valoração, na concepção que fazemos do outro. Isso implica em discursos excludentes, normalizadores, de infantilização, desnormalizadores. Logo as práticas de letramentos refletem esse pensamento e guiam as ações.

Considerando estes fatores, a predominância de discursos de disnormalização é compatível com os resultados de categorização por alteridade, pois os entrevistados emitem parecer favorável quanto a desconstrução do conceito de pessoa com deficiência e aceitação das diferenças, bem como na relação com os tipos de letramentos ao haver a presença de letramento ideológicos e multiletramentos. Desse modo, os resultados implicam na possibilidade de considerar estes letramentos que são produzidos e viabilizam novas pesquisas a fim de que outros grupos possam fazer parte destes apontamentos.

Percebemos ainda que existem dificuldades na compreensão da proposta, talvez pela falta de informação, de referenciais ou mesmo por ser ainda uma experiência recente. Mas constatamos que as práticas de letramento e

multiletramento adotadas por meio de múltiplas semioses têm despertado o interesse e queremos com isso viabilizar que os sistemas de ensino possam analisar os dados a fim de considerar esta perspectiva de múltiplos letramentos existentes no bairro Colônia do Fidélis.

Kleiman (1995) aponta que as investigações sobre o campo do Letramento configuram uma das vertentes de pesquisa que melhor concretiza a união de interesse teórico, a busca de descrições e explicações sobre um fenômeno, com o interesse social, ou aplicado, a formulação de perguntas cuja resposta possa vir a promover uma transformação de uma realidade tão preocupante como o é a crescente marginalização de grupos sociais que não são protagonistas da construção do conhecimento e/ou têm seus letramentos ocultados. Em consonância com essa vertente, esse texto de dissertação visou enfatizar o caráter social do letramento enfocando as práticas sociais e culturais da linguagem o caráter múltiplo de tais práticas das pessoas com deficiência do bairro “Colônia do Fidélis”.

Desejamos que através deste trabalho outros estudos sobre as práticas sociais de populações minoritárias possam ser discutidos em outros ambientes, incidindo, sobretudo, no discurso e nas práticas escolares, pois ao reconhecer as práticas de letramento locais, poderíamos ter melhores respostas às necessidades e às preocupações de uma determinada comunidade e, assim, garantir que as práticas culturais desses sujeitos sejam respeitadas e valorizadas.

Compreendemos por meio deste estudo que os paradigmas que permeiam o imaginário sobre a pessoa com deficiência têm mudado ao longo dos tempos, pois analisamos a predominância de discursos disnormalizadores e eventos de alteridade, logo acreditamos ser necessário que esta pesquisa viabilize novas práticas de letramentos em ambientes escolares, por exemplo, a fim de que cada vez mais tenhamos o rompimento de conceitos excludentes e a elaboração de práticas de letramentos que visualizem e considerem as pessoas com deficiências.

Aqui termina o presente texto, mas ele, ao invés de ser o ponto de chegada de um longo e produtivo voo, será o ponto de partida para voos maiores, que darei na minha vida acadêmica. A intenção é dar sequência para pesquisa. Planejar novos percursos e voos são desejos e inspirações que emanam para a os próximos projetos.

Continuidade é a palavra que mais enaltece a vontade de investigar, fomentar e provocar nos espaços que trabalham com a educação de sujeitos com deficiência,

o debate e a prática de uma educação de e com respeito, que garanta a autonomia e a alteridade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sidney Alexandre da Costa; BARBOSA, Maria Lucia Ferreira de Figueiredo. **Práticas de Letramento em uma escola de assentamento do movimento dos trabalhadores rurais sem terra no município de Lourenço da Mata**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANDERSON. Depoimento [fevereiro e outubro de 2016]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol.

ANUÁRIO DO PARÁ 2013-2014. **Jornal Diário do Pará**. Belém, 2013

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7ª. ed. Hucitec: São Paulo, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado, unidade de comunicação verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Maitns Fontes, 2005.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local Literacies: Reading and writing in one community**. London/New York: Routledge, 1998.

BELISSÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Brasília: Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, 2010

BENEDITO, Seu. **Depoimento** [setembro e outubro de 2016]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol.

BENTES, José Anchieta de Oliveira; SILVA, Cyntia França Cavalcante de Andrade da; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Normalidade, diversidade e diferença: como o corpo de pessoas com deficiência é visto na atualidade?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, 2016, p. 795-816.

BEZERRA, Mariana Silvia. **Letramento na Escolarização de Jovens e Adultos no Currículo de Língua Portuguesa**. 2012. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre. (org.). **A miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acessado em 18 jul. 2015.

BRITO, Janira Bezerra de. **Alfabetização de Crianças e Jovens Superando Desafios da Alfabetização escolar**. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BRITO, José Amarino Maciel de. **As Práticas de Letramento no Contexto da EJA**. 2011. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus.

BUZATO, M. E. K. **Cultura digital e apropriação docente**: apontamentos para uma educação 2.0. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CUTRIN, C. D. **Depoimento** [2 de fevereiro]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol.

DAVIS, L. J. A construção da normalidade: a curva do sino, o romance e a invenção do corpo incapacitado no século XIX. Trad. José Anchieta de Oliveira Bentes. In: DAVIS, L. J. (Ed.). **The disability Studies Reader**. 2. ed. New York: Routledge, 2006

DRAGON Ball. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dragon_Ball_Z>. Acessado em 10 mar. 2017.

ESCOLA ESTADUAL COLÔNIA DO FIDÉLIS. Projeto Político Pedagógico. Belém, 2015

FERREIRA, Ioneli da Silva Bessa. **A formação dos professores: Saberes e práticas de letramento na educação de jovens e adultos**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém.

FERREIRA, Windyz B. Vulnerabilidade à Violência Sexual no Contexto da Escola Inclusiva: Reflexão sobre a Invisibilidade da Pessoa com Deficiência. **REICE**: Revista Eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación. 2008, vol. 6 n. 2. Disponível em: <<http://www.rinace.net/arts/vol6num2/art9.pdf>>. Acessado em 28 dez. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57^a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2003a.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: Eliana Borges Correia de Albuquerque e Telma Ferraz Leal (org.) **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p..

GARCEZ, Pedro M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (org.). **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002, p. 83-95.

GOMES–SANTOS, S, N.; FERREIRA, D. C. N. O professor e seus instrumentos didáticos: um caso de trabalho docente no ensino médio. In: GOMES–SANTOS, S, N.; BENTES, J. A. O.; ALMEIDA, P. S. (org.). **Trabalho docente e linguagem em diferentes contextos escolares**. Belém: Paka –Tatu, 2014. p. 51-70.

HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (ed.). **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood, N. J. : Ablex, 1982a, p. 91-117.

JORNAL dos bairros: Crianças podem ficar sem estudo na ilha do Outeiro. **O Liberal**. Belém, 22 março de 1991, p. 5.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas. v. 36, p.155 - 174, maio/agosto 2010

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro**: Ensaios de Sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002

LIMA, Alberto José Ferreira de. **Letramento Digital e Letramento Informacional na literatura nacional em Língua Inglesa**. 2012. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

LIMA, Maria do Socorro Pereira. **Práticas educativas na Amazônia Cenários, objetos e dizeres de leitura dos ambulantes do centro comercial de Belém – Pará**. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará. Belém.

MAGALHÃES, Izabel. **Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento**. Discursos e práticas de letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

MAGALHAES, Izabel. Unequal Discourse Rights. In: **Adult Literacy Sites in Brazil**. Rask, Odense, v. 22, 2005, p. 37-66.

MENDES, Jackeline. R. **Ler, escrever e contar**: práticas de numeramento-letramento dos kaiabi no contexto de formação de professores índios no Parque Indígena do Xingu. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MICHEL. **Depoimento** [setembro de 2016]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

NUNES, Herika Socorro da Costa. **O Letramento no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pará**. 2007.90 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará. Belém.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, Imaginários e Representações na Educação Especial**: a problemática ética da “diferença” e da inclusão social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Patrícia de. **As Práticas de Letramento da Família e as Dificuldades de Aprendizagem**: Perspectivas para o debate. Universidade Federal de São Carlos, 2001.

ONG, Walter. **Literacy and Orality**: The technologizing of the Word. Nova York/ Londres. Methun. 1982.

PEREIRA, Michele Melina Gleica Del Pino Nicolau. **Língua Escrita e surdez**: Uma análise das Práticas Pedagógicas desenvolvidas em escola especial de orientação bilíngue. 134 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

RAIOL, Josivan João Monteiro. **Atendimento Educacional Especializado**: Inclusão do aluno com Transtornos Globais do Desenvolvimento. 2011. Monografia (Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Inclusão) - Faculdade Ipiranga. Belém.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANDRA, Dona. **Depoimento** [outubro de 2016]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol.

SANTOS, Mariana Moraes dos. **Letramento, Surdez e Identidade**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus.

SANTOS, Roberta Lira dos. **Práticas e Eventos de Letramento**: Um estudo sobre os usos sociais da escrita de jovens de meios populares. 141f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Dona. **Depoimento** [Fevereiro de 2016]. Belém. Entrevista concedida a Josivan Raiol

SILVA, Ivelize Fausto. **A Leitura no cenário escolar: como os professores a organizam, como os alunos a realizam**. 2011. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas. Manaus.

SILVA, Jemina Queiroz da. **Dos hábitos aos habitus**: (Re) Produção de Sentidos no Letramento Escolar. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SMITH, P. K. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.), **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: Unesco. 2002, p. 187-2025.

SOARES, Magda. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. In: MARINHO, Marildes. CARVALHO, Gilcinei Teodoro (org.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p?

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2015.

SOARES. Magda. **Alfabetização a questão dos métodos**. São Paulo. Contexto, 2016.

SOARES, Patrícia Barros. **Usos sociais da leitura e da escrita em uma comunidade quilombola – Alto Jequitinhona/MG**. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOUZA, Renata Antunes de. **O Letramento de Alunos Surdos para a vida**. 2012. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Universidade de Brasília, Brasília.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I. (Org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 69-92.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: University Press, 1984.

STREET, Brian. Introduction the new literacy studies. In: STREET, B. (ed.). **Crosscultural approaches to literacy**. Cambridge: University Press, 1993. p?

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2006.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGRO, Nadir; CARVALHO, Marília Lia Pinto de; VALÉRIA, Rita Amélia Teixeira. (org.). **Itinerários da pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 183-206.

VIANNA, Heraldo. **Pesquisa em educação** – a observação. Brasília: Editora Plano, 2003.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
 LINHA DE PESQUISA: “Saberes culturais e educação na Amazônia”

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ilmo Sr. Jaderson Geraldo Pimentel da Silva

Eu, José Anchieta de Oliveira Bentes, professor da UEPA, venho por meio desta carta apresentar o aluno Josivan João Monteiro Raiol, deste Programa de Pós-graduação em Educação-Mestrado, e solicitar a sua permissão, para realizar pesquisa com professores e alunos na Escola Estadual Colônia do Fidélis.

A pesquisa do aluno “**Práticas de Letramento de Pessoas com Deficiência em um bairro da Ilha de Caratateua/Pa**” tem como objetivo analisar e compreender o processo de construção das praticas de letramentos da pessoa com deficiêncianestes espaços.

Asseguramos (professor orientador e aluno) a identidade dos entrevistados, utilizando nomes fictícios quando da referência aos dados da pesquisa. Os entrevistados receberão a transcrição da entrevista por e-mail, dando anuência as informações e os resultados serão apresentados em uma reunião de formação a ser marcada pela Instituição, como forma de garantir um retorno da pesquisa para a instituição.

Atenciosamente,

Belém, 25 de março de 2015

José Anchieta de Oliveira Bentes
 Professor do Mestrado em Educação – PPGED-UEPA

Pesquisador responsável: José Anchieta de Oliveira Bentes

E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

Telefone: 991150986 – 33388634 – End. Trav. Curuzu, 1934 – Ed. V. Van Gogh cep 66.093-801 – Marco-Belém-Pa.

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO
 LINHA DE PESQUISA: “Saberes culturais e educação na Amazônia”

Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Participante: _____

Data de nascimento: _____

Título da pesquisa: “Práticas de Letramentos de pessoas com deficiência da Comunidade do Fidélis”

Eu

fui

_____ convidado a participar de uma pesquisa sobre as práticas de letramento de pessoas com deficiência.

Os objetivos desta pesquisa são de analisar as concepções de letramento na Comunidade do Fidélis de pessoas com deficiência; Descrever as práticas de letramento que orientam para exclusão, assimilação ou perspectiva inclusiva.

Faremos **entrevistas** com você (ou seu filho) e filmaremos **as práticas de letramento**, por meio de gravações em vídeos. Na entrevista você vai contar sobre suas experiências e emitir sua opinião sobre algumas situações do seu cotidiano, das atividades que realiza. Essas entrevistas e as práticas de letramento filmadas e depois transcritas pelo pesquisador e constituirão o corpus de estudo. “Corpus” é um termo usado nas pesquisas realizadas em um local (campo de pesquisa) para se referir aos dados coletados por meio de gravações em áudio ou em vídeo para fins de pesquisa.

Se você **autorizar** a sua participação neste estudo, você deverá ceder as suas imagens ou ceder as imagens de seu filho (se for o caso), assinando este Termo ou pedindo que seu responsável o assine. Logo em seguida faremos a entrevista com você. Esta entrevista, como dissemos, será filmada.

A participação neste projeto não apresenta nenhum risco de vida. A única questão que você deve considerar é a divulgação de sua imagem em vídeo nas pesquisas e trabalhos a serem apresentados em eventos de educação.

Você não receberá **nenhum pagamento**, mas também não terá nenhum custo. Os gastos com transporte para deslocamento para os locais de realização da coleta de dados durante os períodos de coleta de dados, caso sejam necessários, serão pagos pelo projeto de pesquisa por meio de reembolso.

Este estudo beneficiará você indiretamente, podendo ajudar a sua comunidade a reivindicar melhorias na educação de pessoas deficientes. E há ainda dois motivos: em primeiro lugar, o estudo da sua produção vai nos ajudar a compreender melhor as interações que ocorrem em sala de aula e fora dela e em segundo lugar, o estudo de sua produção vai contribuir para fortalecer a inclusão de pessoas deficientes no Pará e para os outros estudos a serem realizados.

Você receberá um **pseudônimo** (um nome fictício) substituindo o seu nome e informações pessoais na identificação da gravação.

Com seu consentimento específico, os pesquisadores que utilizarem os seus dados poderão fazer apresentações e publicações com os resultados do estudo, mas sem apresentar as suas informações pessoais. Com relação à sua imagem, ela poderá ser veiculada nessas apresentações e publicações, que serão como exemplos de discursos, sem nunca comprometer a sua imagem pessoal.

Caso algum vídeo mostre alguma situação que lhe causou um constrangimento pessoal, você poderá solicitar pessoalmente ou por e-mail aos pesquisadores do projeto – ver dados abaixo indicados – que não incluam esses dados no corpus e, com a solicitação documentada no e-mail, nós garantiremos que esses dados sejam apagados.

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com os pesquisadores deste estudo:

Prof. Josivan João Monteiro Raiol.

E-mail: Josivan.raiol@gmail.com

Celular: (91) 982418870

Prof. José Anchieta de Oliveira Bentes

E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

Celular: (91) 991150986

Termo de Consentimento

Após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação coletada sobre mim ou sobre meu filho, no ambiente escolar, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico.

Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Local: _____ Data: ___/___/___

Nome do Participante da Pesquisa

Prof. Josivan João Monteiro Raiol

Prof. José Anchieta de Oliveira Bentes





Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
66113-200 Belém-PA
www.uepa.br/mestradoeducaca

